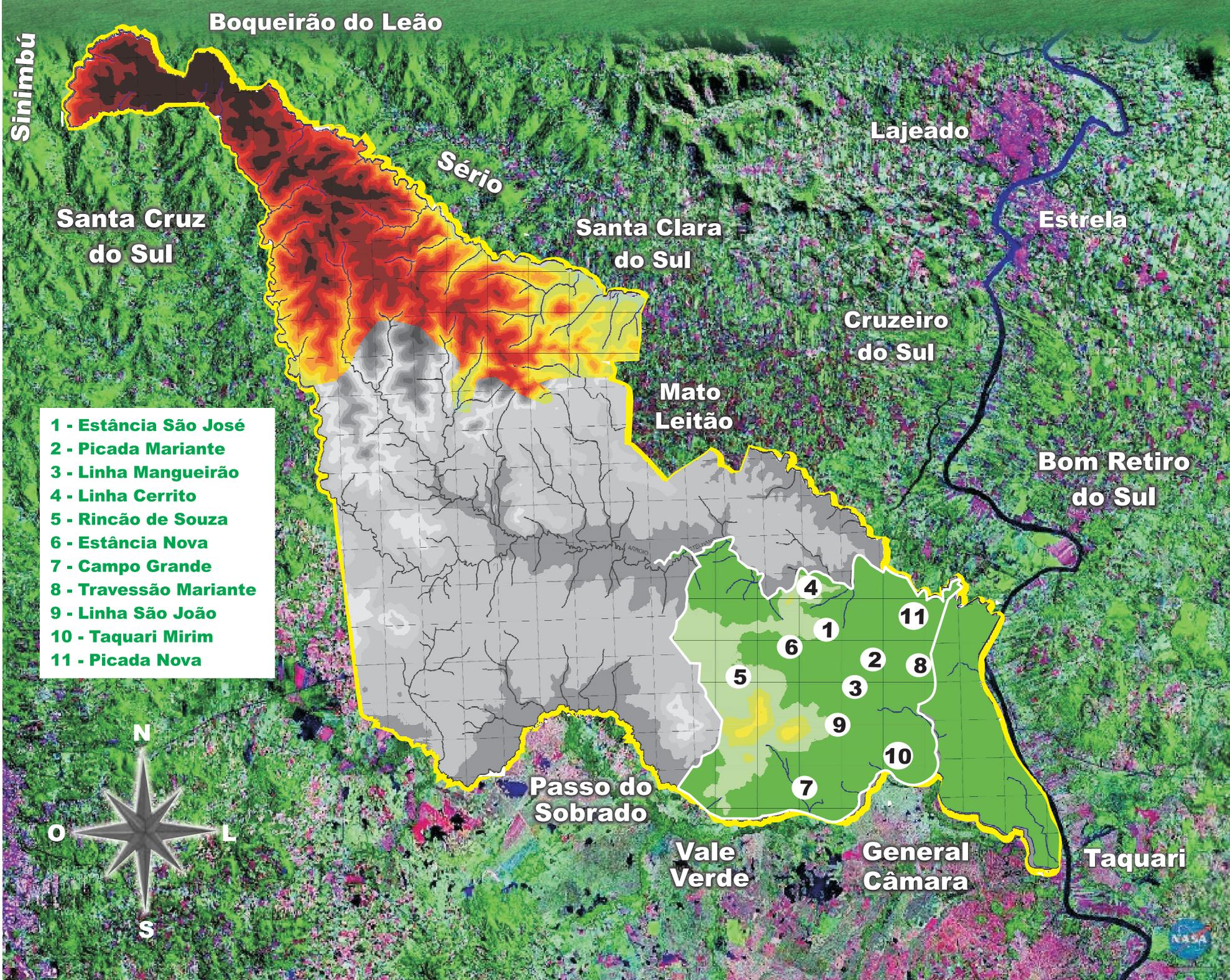


NONO DISTRITO

Uma estrada mudou a história da Estância Nova



ESTE PROJETO TEM O APOIO DO GRUPO CTA-CONTINENTAL.



A estrada que mudou a história da Estância Nova

A história da Estância Nova é tão antiga quanto a história do próprio município de Venâncio Aires. Embora não haja registros precisos, estima-se que os primeiros colonizadores da região são contemporâneos do capitão Francisco Machado Fagundes da Silveira, a partir de meados do século XVIII. Neste mesmo período, imigrantes luso-açorianos estabeleceram-se às margens do arroio Taquari Mirim e ali formaram as povoações que deram origem às localidades. Entre os mais antigos aparece como grande proprietário o inglês José Holbrook. Ele teria se instalado na região antes da chegada dos Mariante. Produzia calçados de madeira, ou sapatos de pau, também conhecidos como tamancos.

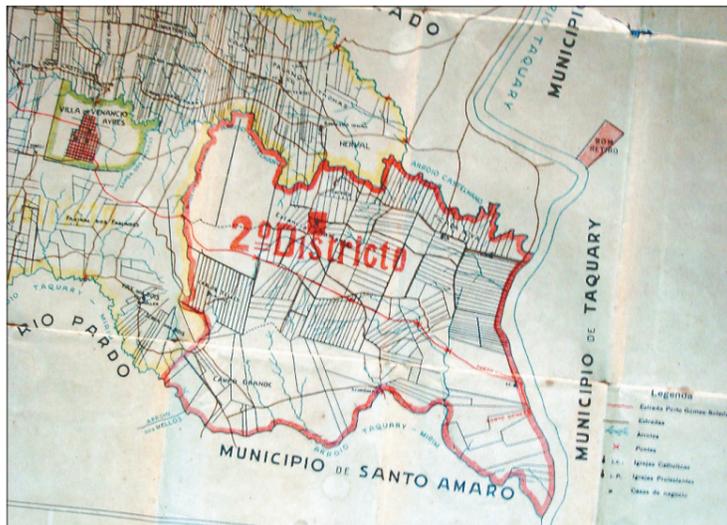
Todavia, nenhum dos antigos donos de terra da região gravou seu nome na história da região como o coronel José Antônio da Silva Mariante. Parte dessa história está no suplemento do segundo distrito e a outra parte está no suplemento que ora apresentamos.

EVOLUÇÃO

Até 1850, o território que, mais tarde, seria transformado no município de Venâncio Aires, era ocupado por grandes proprietários, os chamados estancieros. O coronel Mariante deu o primeiro passo para aumentar o povoamento do território, ao fundar a primeira colônia alemã, em 1856. Os imigrantes povoaram inicialmente a região onde hoje está a Vila Estância Nova, que naquela época chamava-se Colônia Mariante.

A imigração germânica acabou se transformando num grande negócio para os estancieros da região. Nos anos seguintes várias colônias foram fundadas. Enquanto isso, os descendentes de imigrantes germânicos e novos imigrantes vindos das colônias de Monte Alverne, Vale do Caí e diretamente da Alemanha, ampliaram a ocupação da antiga fazenda Mariante. Até mesmo a sede da velha estância foi vendida para imigrantes alemães.

Em 1882 a fazenda Mariante foi desmembrada a pedido de Guilherme Mariante, filho do coronel. Em 1897, o então intendente municipal Narciso Mariante de Campos, também descendente do coronel, criou o segundo distrito de Venâncio Aires, com sede na vila às margens do rio Taquari. O distrito compreendia todo o território situado entre os arroios Castelhanos e Taquari Mirim, da Sanga da Divisa até o rio. A região permaneceu como o segundo distrito de Venâncio Aires até 1996, quando foi feita nova distribuição territorial. O segundo distrito limitou-se às áreas próximas ao rio Taquari, enquanto que a maior parte da área foi transformada no nono distrito.



No mapa de 1930 aparece, em vermelho, o traçado da antiga estrada da serra, cortando quase ao meio a estância e ligando o porto Mariante com a Vila de Venâncio Aires. Também é possível perceber as linhas retas que dividiam os lotes vendidos aos colonos

ESTRADA

Até por volta de 1905, a economia da região era baseada na agropecuária. Grandes manadas eram conduzidas por tropeiros. O gado descansava no manguieirão e seguia pela picada Mariante até o rio.

Naquele ano, o governo do Estado iniciou a construção da Estrada da Serra, ligando o porto Mariante aos municípios da região do Planalto, até Barros Cassal e Soledade. O traçado passava pelo centro da então Vila de Venâncio Aires, mas deixou de lado o povoado da Estância Velha.

A estrada dividiu o distrito ao meio e, lentamente, iniciou um processo de migração, que transformaria para sempre a história da região. Até 1940, o aipim (mandioca) e a cana-de-açúcar respondiam pela maior parte da renda. Nas localidades situadas entre a estrada e o Castelhanos, a exploração da madeira e da erva-mate foi a alavanca inicial do desenvolvimento. A criação de gado diminuiu, mas continua até hoje.

A estrada acelerou o escoamento da produção, não só de Venâncio Aires, mas dos demais municípios da região alta da Serra Geral e da região das Missões e do Planalto.

A partir dos anos 1940, os caminhões começaram a fazer parte da paisagem. Vila Mariante viveu sua fase áurea de desenvolvimento até a década de 1960, quando foi construída a RS-240, ligando o Vale do Rio Pardo a Porto Alegre, decretando a decadência do transporte fluvial. Parte do antigo traçado da Estrada da Serra foi aproveitado, mas o traçado novo deixou de lado a localidade de Rincão de Souza e a própria Vila Mariante.

O asfaltamento da Estrada da Serra

acelerou o processo de migração e consolidou a formação de um novo povoado em torno da RS-240, que mais tarde passaria a RSC-287. Este povoado manteve a denominação de Estância Mariante até 1996. Já o povoado em torno da antiga sede da fazenda Mariante passou a ser conhecido como Estância Velha, ou Estância São José, em função de estar ali a mais antiga capela do distrito.

RELIGIÃO

A capela em honra a São José é a mais antiga. Foi construída por volta de 1900. Ela guarda relíquias sacras centenárias que, por si só, mereceriam mais atenção dos segmentos ligados à cultura de Venâncio Aires.

A igreja em honra a Nossa Senhora de Lourdes, sede da paróquia de Mariante, é a principal do nono distrito. A grande maioria das construções religiosas de Mariante são católicas ou evangélicas luteranas. Nos últimos anos surgiram também templos de outras religiões.

A população ainda conserva a crença em histórias fictícias e lendas antigas, da época em os campos e matos eram habitados por índios. Nas localidades próximas ao Taquari Mirim foram encontrados pedras lascadas e utensílios de cerâmica enterrados. Os mais antigos acreditavam que também havia ouro enterrado pelos índios.

EDUCAÇÃO

Inicialmente a educação era dada por professores particulares. Nas colônias, os professores ensinavam em alemão. Uma das escolas mais antigas é a da Estância São José. Nas localidades com área maior, há duas escolas. A maior de todas é a da Vila Estância Nova. As escolinhas de Linha Cerrito e Linha São João foram fechadas. Os alunos ganham transporte escolar

DADOS GERAIS

Sede: Vila Estância Nova
Distância da cidade: 15 km
Principal via de acesso: RSC-287
Limites distritais:
Oeste: Mariante
Norte: Palanque
Leste: Venâncio Aires
Limites municipais:
Norte: Cruzeiro do Sul
Sul: Vale Verde
População: 4.379 Habitantes (*)
Urbana: 404 pessoas
Rural: 3.975 pessoas
(*) Dados do Censo de 2007



Imagem de satélite revela o traçado da RSC-287 (em amarelo) e da antiga estrada da serra (em vermelho). Também dá um panorama da situação atual das propriedades rurais da região

gratuito. O fechamento das escolas e a falta de incentivos governamentais para a permanência do homem no campo, estão acelerando o êxodo rural e decretando o desaparecimento de localidades. Confira no quadro a relação das escolas do novo distrito.

REALIDADE

A RSC-287 é atualmente a principal referência do nono distrito. Por ela, aproximadamente três mil veículos cruzam diariamente, porém muito pouco do seu potencial é explorado.

Nas localidades próximas ao arroio Taquari Mirim a paisagem mantém-se inalterada há várias décadas. São poucos proprietários, que arrendam ou dividem parte de suas terras com famílias de agregados. Mesmo assim, a economia é bem diversificada. Na vila Estância Nova, o comércio e a prestação



Relíquias sacras centenárias no interior da capela São José

de serviços se destacam. Nas demais localidades, o fumo domina o cenário agrícola, seguido do milho e da criação de gado. Existem investimentos em culturas alternativas de pimentão, moranga e frutíferas. Picada Nova se destaca no beneficiamento de arroz e na produção e industrialização de frango.

O arroz irrigado aparece nas várzeas próximas aos arroios Castelhanos e Taquari Mirim.

Os hábitos da população também não sofreram muita alteração nas últimas décadas: Acordar ao clarear do dia, tomar chimarrão, cultivar a terra, tratar os animais... esta é a rotina dos agricultores durante a semana. De uns anos para cá, os agricultores procuram as indústrias fumageiras para trabalharem depois que entregam a produção de fumo.

A mudança mais expressiva nos hábitos deu-se a partir da década de 1970, com a chegada da energia elétrica. Todas as localidades são interligadas por estradas municipais.

Nos finais de semana, jovens e adultos encontram-se nas sociedades e ginásios de esporte, onde acontecem bailes, festas e eventos sociais. As carreiras de cavalo foram o esporte preferido na região até os anos de 1990.

A maior parte do relevo do nono distrito é composta por várzeas e terras planas, onde é possível a cultura mecanizada. A exceção é a região do Cerrito e do Cerro dos Narcisos, onde ainda é possível encontrar áreas de mata fechada. No alto do Cerrito, o pôr-do-Sol oferece um espetáculo singular para quem aprecia a natureza.

Confira no quadro II os dados gerais do nono distrito de Venâncio Aires.

ESCOLAS

Escolas Municipais

Bento Gonçalves – Estância São José
Coronel Thomaz Pereira – Linha Taquari Mirim
Nossa Senhora de Fátima – Linha Campo Grande
Rosina Schauenberg – Linha Rincão de Souza
Rui Ramos – Linha Campo Grande
Theotônio Francisco dos Santos – Travessão Mariante
Tiradentes – Picada Mariante
Waldemar Amaro Dornelles – Picada Nova

Escolas Estaduais

Adelina Isabela Konzen – Vila Estância Nova
Arthur Emilio Mylius – Linha Picada Nova
Ondina dos Santos Martins – Linha Taquari Mirim
Tenente Coutinho – Linha Manguieirão

COLABORARAM NAS REPORTAGENS DESTA SUPLEMENTO

As reportagens deste suplemento foram realizadas com base em questionários respondidos por professores, alunos e pessoas voluntárias das localidades que formam o 9º Distrito, durante os meses de agosto de 2007 a janeiro de 2008; Foram aproveitadas informações de uma pesquisa histórica realizada em 1999 e coordenada pela Secretaria Municipal de Educação; Também foram aproveitadas informações de uma outra pesquisa realizada em 2007 pela Secretaria Municipal de Planejamento de Venâncio Aires e coordenada pela professora Maria Elizabeth Dietrich.



Fumo é o principal produto agrícola do nono distrito

A capela de São José, maior símbolo da Estância Velha

Os moradores do segundo e do nono distritos de Venâncio Aires conhecem a Linha Estância São José por Estância Velha. A localidade é a uma das mais antigas de Venâncio Aires. Muito de sua história está se perdendo com o passar dos anos.

A data correta do início da chegada dos primeiros moradores é desconhecida, mas estima-se que por volta de 1800 o inglês José Holbrook teria comprado do padre João Diniz, três estâncias de campos e matos imediatos à povoação e rio navegável. Por confrontação de dados, constatou-se que estas terras encontravam-se no local que, mais tarde, tornar-se-ia conhecido como "Estância Mariante".

Este senhor Holbrook era um exímio sapateiro. Construía tamancos com madeira e seu talento ganhou fama em toda região. Por esta razão, o povoado que então se formava em torno da fazenda recebeu o nome de Faxinal dos Tamancos.

Foi neste povoado, na coxilha mais próxima do rio Taquari, que o coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante teria instalado a sede da fazenda Mariante.

O registro cartográfico mais antigo encontrado data de 1882. Naquele ano, a sesmaria de terras de propriedade do coronel foi medida judicialmente, a fim de delimitar as áreas das novas colônias e das terras pertencentes aos herdeiros, entre eles Guilherme Mariante, falecido em 1918 e cujo túmulo encontra-se no cemitério católico São José. Com passagem pelos bancos escolares de Hamburgo, Guilherme falava fluentemente em alemão e teria sido peça fundamental para a criação da primeira colônia de imigrantes germânicos de Venâncio Aires, em terras do coronel Mariante.

Entre os anos de 1880 e 1900, Guilherme Mariante e sua esposa Alzira, venderam quase todos os lotes da antiga colônia, inclusive a casa-sede da Estância. A propriedade, incluindo uma área de terras de 80 mil braças quadradas (aproximadamente 40 hectares), foi adquirida pelos irmãos Jacob e Carlos Werle por dez contos de réis. A escritura foi lavrada no dia 16 de outubro de 1894.

IGREJA

A capela São José é, atualmente, o maior símbolo da história da antiga estância Mariante. Em função dela, a localidade desenvolveu-se. A construção da igreja iniciou em 1897 e terminou em 1902. Josef Graef, encarregado da colonização alemã, doou a imagem de São José. O altar-mor foi construído em madeira pelo artista Miguel Flack.

Em 1897 foi fundado o cemitério São José, ao lado da capela. A casa paroquial foi construída em 1919. A paróquia foi fundada 30 anos depois e entregue aos padres sacramentinos, responsáveis pelo seminário, que mais tarde seria transformado em Instituto Penal Agrícola.

Muito da história da Estância São José perdeu-se com o tempo. Os moradores mais antigos ainda lembram do progresso promovido pela criação de gado, comércio e extração de madeira, que trouxe riquezas para a localidade até a década de 1970. Nas décadas de 1940, 50 e 60, a Estância Mariante era roteiro obrigatório dos carreteiros com erva-mate e fumo, mercadores e tropeiros, que seguiam em direção ao rio Taquari, ou chegavam pelo rio e seguiam em direção à serra. Ernesto Soares de Vargas, conhecido como Ernesto Aleixo, era carroceiro de madeira e levava toras das matas do Cerrito até o rio pela Picada Nova. A região era rica em madeira de lei, como angico, louro e guajuvira. Cada carroça, puxada por duas ou três juntas de boi, levava uma estaca (tora) medindo 10 metros de comprimento por 40cm quadrados.



Capela São José, uma das mais antigas de Venâncio Aires



Vista frontal do atual prédio da Escola Bento Gonçalves



Ginásio de esportes da comunidade São José



Interior da capela São José, com suas relíquias sacras em madeira

ESCOLA

Junto à capela funcionou a primeira escola comunitária. O primeiro professor foi Alvaro Portz (ou Podes) que ensinava em alemão. Em 1925, o professor Aloísio Körbes lecionou para mais de 60 alunos. Por ocasião da II Guerra Mundial, a escola foi fechada e em seu lugar surgiu a Escola Municipal Bento Gonçalves, em prédio de madeira.

O agricultor Darci de Azevedo Vargas (68 anos), filho de Ernesto Aleixo, aprendeu a cubicar madeira em pé aos oito anos de idade. Ele foi aluno da Escola Bento Gonçalves junto com Pedrinho Sackser (70 anos), atual zelador da igreja São José.

Na sua época de ouro, a Estância São José tinha três salões de baile, duas

bandas de música, sociedade de tiro ao alvo, cartório distrital, serraria e casa de comércio (venda). O farmacêutico João Schneider atendia toda a região e ganhou fama porque fazia cirurgias sem anestesia. A casa canônica era atendida por padres sacramentinos oriundos da Holanda. Nesta casa, o dentista João Beno Schuh prestava atendimento à população e desapareceu misteriosamente. Entre a população, correu o boato que ele teria achado uma panela de ouro. Os mais antigos acreditavam que havia ouro, enterrado pelos índios e padres jesuítas. No local onde hoje se encontra o presídio de Mariante, havia um seminário. Há 60 anos, a Estância São José possuía comunicação telefônica. A linha seguia até a bodega



Darci Vargas, Pedrinho Sackser e a professora Luciane resgataram a história



Em 1925, o professor Körbes lecionava para mais de 60 alunos

de Miguel Macedo de Campos, em Herval. Naquela época, a comunidade São José constituía-se no centro da Estância Mariante.

José Pedrinho Sackser é o atual responsável pela conservação do patrimônio da igreja São José. Ele preserva com orgulho as relíquias sacras guardadas no interior do templo. Lamenta por outro lado a dificuldade para restaurar outras peças, como o órgão alemão de fole e o púlpito de madeira, que foram retirados do altar e encontram-se abandonados no sótão.

A partir de 1906 iniciou-se a construção de uma nova estrada, ligando Mariante a cidade de Venâncio Aires e, depois, seguia até Soledade, a conhecida RS-422. A construção dessa rodovia foi determinante na história da Estância São José, que se manteve pujante até os anos de 1970, quando veio o asfalto e a construção da ponte sobre o rio Taquari. O movimento de carreteiros e comerciantes caiu drasticamente. Mais detalhes nas páginas que contam a história da Vila Estância Nova.

CARACTERÍSTICAS

A Estância Velha de hoje pouco lembra da antiga sede da Fazenda Mariante. Somente a antiga igreja São José, com seu sino centenário no alto da torre de guajuvira e suas relíquias sacras, remetem ao passado de desenvolvimento. A agricultura continua



Guilherme Mariante está sepultado no cemitério São José

sendo a principal fonte de renda, especialmente a produção de fumo. Os três salões de baile não existem mais, nem a farmácia, nem o dentista, nem as bandas de música. A diversão e as atividades sociais acontecem no ginásio de esportes, construído próximo à igreja. As tradições gauchescas são mantidas pelo CTG Pousada do Capão, que tem sua sede próximo da divisa com Picada Nova.

Recuperar e preservar o que ainda resta da história da Estância São José seria uma grande contribuição para a história de Venâncio Aires.

CONTRIBUÍRAM PARA ESTA REPORTAGEM

A professora da E.M. Bento Gonçalves, Luciane Cristina Zappe (35 anos) e os agricultores José Pedrinho Sackser (70 anos) e Darci de Azevedo Vargas (68 anos). Também serviu de base para esta pesquisa o livro Abrindo o Baú de Memórias... do Museu de Venâncio Aires e um trabalho de pesquisa organizado em 1999 pelas professoras Marisa D.J. Steffen e Neide Brenner, da Escola Estadual Adelina Isabela Konzen, com a colaboração de pessoas das comunidades do nono distrito e informações encontradas em documentos da Escola e da Casa Paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes.

Uma Picada ligava a Estância Mariante ao rio Taquari

Existem poucos registros sobre a vida do coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante na história de Venâncio Aires. Sabe-se que foi por sua iniciativa que os primeiros imigrantes alemães instalaram-se em terras próximas à margem Oeste do rio Taquari, em 1857. Mas antes da chegada dos imigrantes, a estância onde se instalou a família Mariante era uma próspera fazenda agropecuária. A ligação com as demais fazendas era feita por picadas (trilhas ou clareiras abertas por entre as matas). A picada que ligava a sede da estância com o rio Taquari ganhou o nome de Picada Mariante. Partia de onde atualmente é a localidade de Estância São José (sede da fazenda), chegando ao rio. Por ela os tropeiros conduziam o gado criado nos campos e que, na época, representavam a maior fonte de renda de todo o Estado gaúcho. Os descendentes do coronel Mariante instalaram-se às margens do rio Taquari, hoje Vila Mariante. Na época da colonização, a picada era quase toda coberta por matas e a madeira extraída também representava boa fonte de renda.

Até a década de 1990 toda a região estava inserida dentro do segundo distrito de Venâncio Aires. Com a criação do distrito de Estância Nova, o território da Picada Mariante passou do segundo para o nono distrito.

Atualmente, esta localidade tem aproximadamente seis quilômetros quadrados e se limita ao Leste com vila Mariante; ao Sul com Taquari Mirim, ao Leste com Mangueirão e ao Norte com Travessão Mariante. Está distante 20 quilômetros da cidade de Venâncio Aires e a principal via de acesso é a RST-287, que foi construída sobre o antigo caminho da Picada Mariante.

PIONEIROS

A colonização aconteceu a partir de 1857, junto com a antiga Colônia Mariante, onde hoje é Estância Nova. Os primeiros moradores foram João Napp, Konorato Schwingel e Jorge Klein, todos de origem germânica. Também aparece o pioneiro de sobrenome Rodrigues Gomes Pereira, de origem luso-açoriana. Os que vieram a seguir, na sua maioria, eram de origem alemã.

No início do século XIX surgiram as primeiras fábricas de farinha de mandioca, polvilho e carolo (farinha de milho). Estas fábricas eram chamadas atafonas. Com o passar dos anos, a letra "a" foi suprimida da palavra e entre os mais antigos, esta fábrica é conhecida como "tafona" e foi trazida e mantida por mais de um século pelos imigrantes lusos. O trabalho nas



Marcas da antiga estrada, ao lado da RST-287

referidas tafonas era braçal e movido a tração animal. Era composta de um galpão, com forno aquecido a lenha e uma engrenagem de madeira movida com força animal (boi ou cavalo). Esta engrenagem tinha a função de moer o milho e a cana de açúcar e descascar o arroz. Mais tarde as atafonas foram substituídas por moinhos coloniais. Os moradores também ralavam as raízes de mandioca, que depois eram transformadas em polvilho. Do milho era feita a farinha e da cana era feito o açúcar. Mais detalhes sobre as atafonas na história de Linha Taquari Mirim. Hoje não existem mais atafonas em Venâncio Aires e apenas alguns moinhos coloniais ainda sobrevivem.

Por volta de 1900 havia uma pequena ferraria, que pertencia a Jacob Klos e foi importante para o desenvolvimento da localidade. Entretanto, a base da economia da localidade sempre foi a criação de animais e plantação de alimentos (arroz, feijão, amendoim, milho, batata, aipim, etc), para consumo próprio. Nas últimas décadas, o fumo é responsável pela geração de renda.

Por volta de 1920 foi instalada a primeira casa de comércio na vizinha localidade de Mangueirão. Pertencia a Theotônio Francisco dos Santos, então os colonos iam até lá de cavalo ou carreta, os meios de transporte da época.

Alguns anos depois surgiram casas de comércio na localidade, as vendas, onde se vendia de tudo: alimentos, roupas, calçados, remédios, etc.

EVOLUÇÃO

A primeira escola foi fundada em 1941, com o nome de Grupo Escolar Municipal Dr. Getúlio Vargas, em

homenagem ao então presidente da república. Primeiramente ela funcionava numa casa. Depois foi construído o prédio próprio. Há alguns anos foi demolida e construído um novo prédio no local. A primeira professora foi Adelina Gomes Guimarães.

Antes da fundação desta escola as crianças tinham que andar muitos quilômetros a pé ou a cavalo para freqüentar a escola nas localidades vizinhas. A Escola Getúlio Vargas não existe mais.

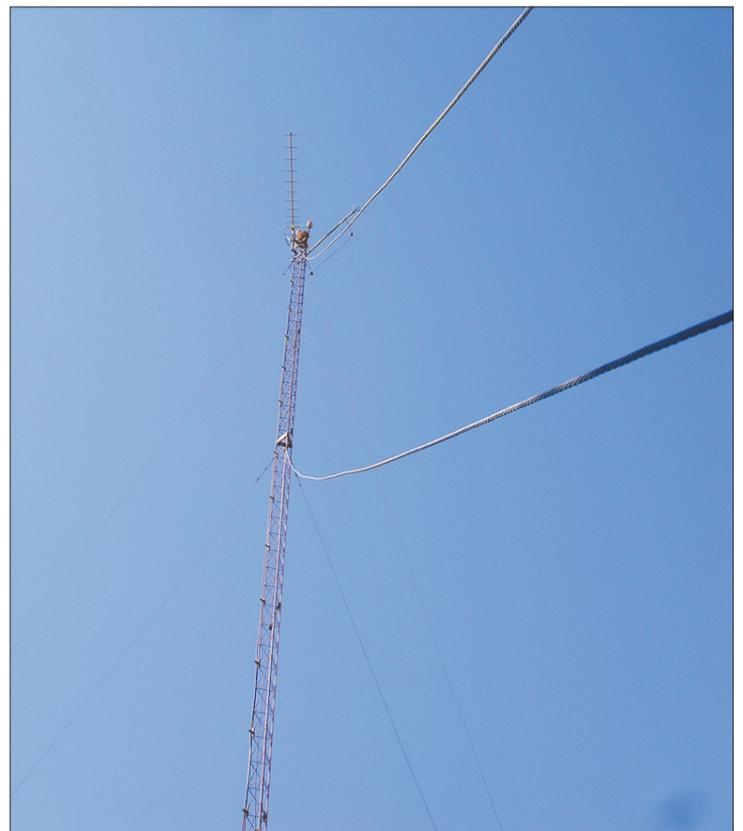
Em 1967 foi criada a segunda escola da localidade, a Escola Municipal Tiradentes. A primeira professora foi Clélia Miguel. Esta escola funciona próximo à capela da comunidade São Judas Tadeu e conta atualmente com 25 alunos e é atendida pelas professoras Laci Teresinha Schmidt e Maria Rosane da Cruz. O prédio próprio foi inaugurado em 18 de março de 1978. No terreno da escola tem uma antena que serve para comunicação telefônica para a localidade.

Em 1945 foi instalada na localidade uma olaria pertencente a João Severino Teixeira, que fabricava tijolos e telhas. João esteve à frente da olaria por mais de 30 anos, deixando depois para os filhos, os quais a venderam. Desde então tem sido explorada por vários arrendatários. A casa comercial mais tradicional pertenceu a Ernesto Guedes. Vendia de tudo.

As primeiras estradas eram precárias, por onde passavam as carretas, cavalos e pessoas a pé. A mais importante era a que ligava Vila Mariante à Estância Mariante e depois até a sede do município de Venâncio Aires. Anos depois foi acasalhada. Na década de 1970 o governo do estado construiu a RST-287, utilizando boa parte do traçado da antiga estrada. Vários trechos ainda podem ser vistos, pois



Professores e alunos da EM Tiradentes



Antena de telefone está instalada no pátio da EM Tiradentes

tornaram-se vias secundárias ou foram abandonados.

Até 1962, os moradores praticavam sua fé na capela católica da Estância Mariante ou na Vila Mariante. Naquele ano os moradores uniram-se e realizaram a primeira festa para arrecadar recursos e construir a capela própria para a Comunidade Católica São Judas Tadeu. O prédio foi concluído na década de 1970. Os moradores realizam suas festas tradicionais no pavilhão que existe ao lado da capela.

A diversão dos moradores antigamente acontecia nas festas e bailes familiares denominados "surpresas", animados por músicos da localidade; festas religiosas em outras localidades; também havia as rodas de jogo, principalmente para os homens.

Hoje há mais diversões: festas religiosas e de escolas, clube de mães, bailes, jogos de futebol sete, etc. Também é mais fácil o deslocamento

para participar de festas em outras localidades, pois as estradas são melhores, tem o asfalto e quase todas as famílias dispõem de veículo próprio.

As principais culturas são o fumo e o milho, também planta-se aipim, feijão, batatas e hortaliças. Antigamente havia produção de carvão e produção de leite. A criação de gado, porcos e galinhas ajuda na subsistência, mas não acontece em larga escala como antigamente. O terreno é plano, facilitando a agricultura mecanizada.

Hoje existe na localidade, além da já mencionada olaria; uma oficina de bicicletas; uma oficina de chapeação e pintura e casas de comércio.

A localidade de Picada Mariante enfrenta o problema do êxodo rural, uma vez que a agricultura, base da sua economia, está desvalorizada. Com isso, os jovens preferem deixar a localidade em busca de dias melhores na cidade.



Capela São Judas Tadeu ao lado do pavilhão comunitário

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Professoras Laci Teresinha Schmidt e Maria Rosane da Cruz e alunos da EM Tiradentes; a moradora Erani Ferreira Dhein. Também foram utilizadas informações de uma pesquisa realizada em 1991 pela professora Pedronila dos Santos, que entrevistou Fernando Henrique Wagner, na época com 85 anos. Informações cedidas pela Secretaria Municipal de Educação.

Entre a estância e o rio Taquari, havia um mangueirão



Partidor e a cancha reta do Jóquei Clube em junho de 2007



Obras do novo pavilhão estão paradas há mais de 10 anos

Localizada há 20 quilômetros do centro da cidade, Linha Mangueirão atualmente é cortada pela RSC-287, que ocupa quase o mesmo traçado da antiga picada Mariante, a primeira via a ligar a sede da fazenda do Coronel Mariante com o rio Taquari. A localidade ficou conhecida por esse nome devido à existência de uma grande mangueira, construído entre a sede da Estância Mariante e o rio.

Por volta de 1800, os estancieiros donos de grandes glebas de terras na região, tinham na criação de gado a principal fonte de renda. Naquela época, a pecuária era bastante desenvolvida, juntamente com a extração de madeira e erva-mate. Os tropeiros conduziam o gado até o porto de Mariante ou para os matadouros da região. Este sistema foi utilizado durante um século e meio, até a chegada dos caminhões boiadeiros, por volta de 1950. Não foram encontrados registros históricos, mas estima-se que a grande mangueira teria sido construída para reunir o gado para ser comercializado. O local passou a ser utilizado também por tropeiros e carreteiros em trânsito, que faziam ali o seu ponto de parada, para descansar e seguir viagem em direção ao rio Taquari, ou em direção às colônias e à região da serra. O mangueirão tornou-se ponto de referência para os viajantes. Atualmente os limites da localidade são: ao Norte, limita-se com Picada Nova e Estância São José; ao Leste limita-se com Picada Mariante e Travessão Mariante, ao Sul com Taquari Mirim e ao Oeste com Linha São João e Vila Estância Nova.

ORIGEM

Até 1856 a região de terras férteis, rica em madeira de lei e de imensas áreas de campos era ocupada por imigrantes luso-azorianos, que começaram a se instalar cerca de 100 anos antes. Os primeiros títulos de terras foram dados pelo imperador D. Pedro II às famílias de Severino Teixeira e Antônio Joaquim da Silva Mariante (o coronel Mariante). Severino formou uma estância nas proximidades do Taquari Mirim (ver história de Linha Taquari Mirim), enquanto o coronel instalou-se na coxilha perto do arroio Castelhana, na atual Estância São



Tenente Coutinho foi defensor dos ideais republicanos



Osvaldo junto à mangueira, que serve para reunir o gado

José (ver história dessa localidade).

A partir de 1856 começaram a chegar os imigrantes germânicos, para instalarem-se na Colônia Mariante. A partir daí os traços da miscigenação fizeram-se sentir. Porém até hoje a localidade possui poucos habitantes, sendo a maioria da população composta por agregados e meeiros que trabalham nas fazendas. Pequenos povoados formaram-se nas proximidades do Jóquei Clube, que foi o principal ponto de referência da localidade nas décadas de 1970 e 1980.

O militar aposentado Osvaldo Ribeiro dos Santos (76 anos), filho de Sebastião Francisco dos Santos, nasceu e foi criado em Linha Mangueirão. Ele lembra que o local onde foi construído o Jóquei Clube era um grande centro de comércio e lazer, com cancha de carreira, cancha de bocha, moinho, casa de comércio e açougue. Seu pai era jóquei. Na década de 1970, as carreiras (palavra de origem espanhola) de cavalo representavam o principal esporte de toda a região, inclusive de outros municípios. O Jóquei Clube de Venâncio Aires foi idealizado por Theotônio Francisco dos Santos (irmão de Sebastião), que na década de 1960 vendeu parte dos 25 hectares da área na forma de título de sociedade. O local também serviu de sede para o CTG Erva-Mate. A sociedade teve sucesso e grande movimento até a década de 1990. Todos os domingos havia grande carreiramento, com até quatro pencas (modalidades) disputando prêmios. Na área do clube trabalhavam cerca de 50 famílias, responsáveis pela manutenção da área e cuidado dos cavalos.

Atualmente, o Jóquei Clube está com suas atividades muito reduzidas. As corridas de cavalo tornaram-se um



Torre de celular, ao lado da escola

esporte de custo elevado, cedendo lugar para outros esportes, especialmente o futebol.

Sobre o velho mangueirão, Osvaldo não tem muita lembrança. É uma história muito antiga. Outras mangueiras foram construídas mais tarde, depois que as terras dos Mariante e dos Teixeira começaram a ser partilhadas e vendidas. Após aposentar-se, Osvaldo trocou a agitação da vida militar pela tranquilidade de Linha Mangueirão. Quando na ativa, serviu em várias partes do Brasil e do mundo. Atuou na Amazônia e no Golfo Pérsico. Nos últimos anos, dedica-se ao trabalho na agricultura e na criação de algumas cabeças de gado, que frequentemente são reunidas na mangueira construída em sua propriedade para vacinação ou comercialização.

EDUCAÇÃO

Em Linha Mangueirão não existe igreja e nunca existiu. As missas, velórios, catequese e demais atividades religiosas são realizadas na escola Tenente Coutinho ou no salão comunitário da Sociedade Recreativa e Esportiva de Mangueirão, ao lado da escola.

A primeira escola desta localidade chamava-se Escola Pública Mista Federal, com inspeção feita em 03 de dezembro de 1928 e o professor que atuou era procedente de Santo Amaro. Por muitos anos a escola foi atendida pela professora Laurinda Faleiro (Dona Jota) que lecionava auxiliada por uma comissão de pais.

Quando esta professora transferiu-se para Santa Cruz do Sul, a escola passou a funcionar junto à residência de Sebastião dos Santos. Naquela época, era chamada de Escola Isolada de Mangueirão, tendo Noemy da Costa Machado como professora nomeada pelo governo do Estado. O terreno para construção do primeiro prédio próprio da escola foi doado pela família de Sebastião dos Santos. O prédio era de madeira, próximo da estrada principal que ligava Mariante a Venâncio Aires. Na década de 1970 foi construída a nova rodovia RS-240 (depois RSC-287) que avançou sobre o terreno e a escola teve que ser demolida. Em 1972 Theotônio Francisco dos Santos doou mais uma fração de terras para construção do novo prédio, também em madeira, que funcionou até 1988, quando foi construído o atual prédio.

Durante a década de 1970, a denominação da escola foi alterada duas vezes: Escola Rural de Travessão Mangueirão, em 1971 e, depois, Escola Rural de Mangueirão. Em 19 de julho de 1983 veio a designação de Escola



Professora e alunos da E.E. Tenente Coutinho

Estadual de 1º Grau Incompleto Tenente Coutinho. A atual denominação está em vigor desde 1999.

Hoje a escola se chama Escola Estadual de Ensino Fundamental Tenente Coutinho, em homenagem a Amaro de Azeredo Coutinho, filho ilustre da localidade. Ele nasceu em 19 de maio de 1852, filho de Antônio Azeredo Coutinho e Ana Francisca Gil. Primeiramente foi carreteiro, depois sub-delegado de Venâncio Aires e, por último, ingressou na carreira militar quando galgou ao cargo de tenente. Foi grande batalhador pela consolidação de república no Brasil nos governos de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Em 1926 foi morto nesta região por contrerâneos que se opunham aos seus ideais políticos. A farda, ornamentos e documentos do tenente Coutinho estão guardados até hoje nas dependências da escola.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Tenente Coutinho está localizada às margens da RSC-287, nas proximidades do Jóquei Clube. Conta com 17 alunos, orientados pela professora Loreti Beatriz Dornelles.

ECONOMIA

Até a década de 1950, o comércio em Mangueirão era restrito a compra e venda de gado. Havia um descascador de arroz. Em 1964, com a chegada da energia elétrica, o descascador foi modernizado e transformado em moinho para o beneficiamento de milho e trigo, mas o principal produto beneficiado continuou sendo o arroz, plantado principalmente nas várzeas do Taquari Mirim e em algumas fazendas próximas. O moinho funcionou até o ano 2000, quando foi desativado em função da queda do movimento. A família de Pedro Egon Schmidt (62 anos), atual proprietária do moinho, tem intenção de reativá-lo como forma de preservar a memória cultural do lugar, pois o



Egon junto à moenda de pedra que funcionou por 40 anos

moinho representou mais de 40 anos da história de Linha Mangueirão.

O cultivo de arroz, aipim e cana-de-açúcar dividiram com a pecuária os louros do passado da localidade. Atualmente, a economia baseia-se no cultivo do fumo e outras culturas de subsistência. Arroz e milho também são cultivados, mas em menor escala. A pecuária mantém-se como importante fonte de renda.

Atualmente, os principais pontos de referência da localidade são as torres de telefonia celular e um vigia eletrônico (pardal) todos instalados às margens da RSC-287. A localidade enfrenta dificuldades, principalmente na organização da vida comunitária, pois são poucos os proprietários e a grande maioria dos moradores são agregados, meeiros e peões, que não fixam residência por muito tempo. Com isso, a comunidade não consegue se organizar de maneira adequada. Um exemplo é o pavilhão da Sociedade Esportiva Mangueirão, cujas obras iniciaram há mais de 10 anos, ao lado da escola, mas a comunidade não consegue se organizar para concluir a obra.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Loreti Beatriz Dornelles e os alunos da E.E. Tenente Coutinho; o militar aposentado Osvaldo Ribeiro dos Santos e o agricultor Pedro Egon Schmidt. Também foram utilizadas informações de uma pesquisa realizada em 1999 pela Secretaria Municipal de Educação.

Influência espanhola em Linha Cerrito

A palavra "cerrito" é de origem espanhola e significa "pequena elevação de terreno", "cerro baixo", "colina" ou "coxilha" como dizem os gaúchos. Por volta de 1880, descendentes do imigrante Josef Graef, que havia adquirido terras da antiga Colônia Mariante, buscaram novas terras mais distantes do rio Taquari, rumo ao Oeste, em direção ao pôr-do-Sol. Chegando ao cume do pequeno cerro depararam-se com uma das mais belas paisagens do interior de Venâncio Aires. Do alto do cerrito tem-se visão plena de 360 graus em todas as direções. A inclinação do terreno não é muito acentuada, o que permitia o desenvolvimento da agricultura nas virgens terras, até então cobertas de mata.

Os colonizadores, já descendentes de imigrantes, instalaram-se no cerrito, nas margens da nova picada aberta entre a antiga estrada das colônias e o rio Taquari. Na época, os lotes vendidos na Picada Nova e na Estância Mariante já estavam em franco desenvolvimento. O pequeno cerro tinha de um lado a Picada Nova e a Estância São José e, do outro lado, o arroio Castelhanao.

As motivações que levaram ao nome da localidade são desconhecidas. Estima-se que teria sido por influência espanhola, que até hoje é observada nos moradores de descendência latina e indígena, que vivem em ambos os lados do arroio Castelhanao, mas principalmente nas localidades vizinhas de Palanque e Linha Herval.

Antes da chegada dos pioneiros germânicos, o cerrito era uma área de matas, conforme consta no mapa de desmembramento da fazenda Mariante, datado de 1882. Toda a área pertencia ao Coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante. Na época, outras frentes de colonização já progrediam em Santa Emília, Sampaio, Centro Linha Brasil, Grão Pará e Boa Vista do Mato Leitão.

Pedro Graef está entre os pioneiros de Linha Cerrito, juntamente com Emilio Thids, Hugo Schmachtemberg, Martim Sackser e Augusto Behl. A nova frente de colonização encontrou no cerrito uma grande área de mata nativa. Vislumbraram boas perspectivas de progresso com a exploração da madeira. Porém as dificuldades de locomoção eram grandes. A distância até o rio Taquari chegava a 10 quilômetros pela estrada da Picada Nova. As árvores



Família da prof.^a Marta auxiliou na pesquisa histórica em Cerrito



Três juntas de bois arrastavam as toras até a estrada

eram derrubadas a machado e serradas também manualmente em toras de seis a oito metros. Depois eram arrastadas até a estrada mais próxima, para serem carregadas nas carroças. Cada carroça podia levar só uma tora por viagem. Duas a três juntas de bois eram necessárias para puxar tamanho peso, de madeira nobre, especialmente angico, guajuvira, pinho, loro e cedro.

ESTRUTURA

Apesar de ser uma localidade economicamente viável, em função da

extração da madeira, Linha Cerrito carecia de completa infra-estrutura. Não havia igrejas, nem escolas, nem casas de comércio por perto. A capela mais próxima e a escola eram na Estância São José e a bodega mais próxima era em Linha Herval. Apesar das dificuldades e distâncias, as famílias mantiveram a tradição de se reunir de vez em quando na casa de um morador para cantar, rezar e se divertir. Os homens jogavam schoff-kopp (jogo de cartas) e as mulheres jogavam vispo (bingo). Uma vez por ano havia uma grande festa de kerb, no domingo mais próximo do



Pavilhão social de Linha Cerrito

dia do santo padroeiro, São Pedro (29 de junho).

Estas dificuldades de infra-estrutura prosseguiram até por volta de 1950, quando os moradores sentiram a necessidade de se organizar e criar sua própria comunidade. Foi então fundada a comunidade católica São Pedro. Depois lutaram para construir a primeira escola, que começou a funcionar no dia 15 de abril de 1959. Chamava-se Escola Municipal de Linha Cerrito, denominação que foi alterada em 1963 para E.M. Ismael Marques da Costa, em homenagem ao intendente municipal de Venâncio Aires, nos anos de 1893 a 1896. A primeira professora foi Noely M. Graef.

A primeira capela em honra ao santo padroeiro passou a funcionar em 1966, em um anexo da escola. Antes, as missas eram celebradas dentro da escola. Atualmente, as 45 famílias da localidade praticam sua fé na capela São Pedro, construída em 1980.

Em 10 de setembro de 1967 foi fundada a Sociedade Recreativa, Beneficente e Cultural de Linha Cerrito. Seu primeiro presidente foi José Graef Neto. Em 1986, as damas reuniram-se para fundar a Sociedade Rosa Branca. A sociedade construiu um pavilhão para realizar seus eventos sociais, bailes e festas. Também com muita união e esforço, os moradores construíram uma rede hidrúca, com a participação da prefeitura municipal. A água abastece toda a localidade a partir de um reservatório construído no alto do cerro, de onde é possível apreciar um belíssimo pôr-do-Sol durante todo o ano. Ao aproximar-se do horizonte Oeste, o astro-rei protagoniza uma paisagem de rara beleza, que merece ser contemplada e admirada por todos aqueles que apreciam a natureza.

Atualmente, o salão da Sociedade é o principal ponto de referência de Linha Cerrito, ao lado da capela São Pedro, onde os moradores se reúnem para rezar, cantar e se divertir, como faziam os antepassados há mais de 100 anos. Além de jogar cartas e visto, os moradores também contam com jogo de bocha e bolãozinho de mesa. Os jovens, por sua vez, têm a opção do jogo de futebol e os bailes e festas no salão da localidade ou em localidades vizinhas.

ECONOMIA

Inicialmente, a madeira foi a principal fonte de renda. Com a derrubada das matas, abriram-se clareiras para o início da agricultura. As primeiras culturas foram de arroz e soja. Depois veio

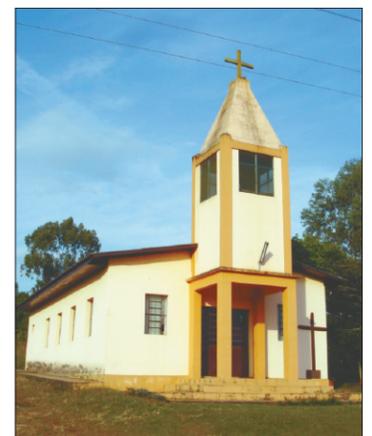
a diversificação para o fumo de galpão, milho, feijão e mandioca. A localidade também teve uma atafona para o beneficiamento da mandioca.

Atualmente o fumo de forno domina o cenário agrícola da localidade, que ainda possui extensas áreas de matas, porém são áreas de preservação ambiental, porque estão próximas as margens do arroio Castelhanao.

Em Linha Cerrito nunca teve uma casa de comércio tradicional. Várias bodegas abriram as portas mas não duraram muito tempo. A casa comercial Emmel, de Linha Herval, abastece a localidade há várias décadas. Também há mercado em Linha Maravalha, no outro lado do arroio Castelhanao, no município de Cruzeiro do Sul. Os moradores também têm a opção de adquirir gêneros de primeira necessidade na Vila Estância Nova.

Desde a década de 1980 a comunidade começou a enfrentar o êxodo rural. Ano após ano, a população foi diminuindo, assim como o número de filhos das famílias e o número de alunos na Escola Municipal Ismael Marques da Costa, que foi fechada há mais ou menos cinco anos. As crianças em idade escolar recebem passagem de ônibus da prefeitura para se deslocarem até as escolas-pólo em Estância São José ou na Estância Nova. A maioria dos jovens prefere morar na cidade ou em outros centros urbanos, abandonando a colônia por falta de perspectivas de melhorar de vida e motivados pela influência da televisão, que mostra a cidade como lugar bonito e cheio de opções de lazer e divertimento.

A falta de valorização da produção agrícola e do homem do campo é apontada como a principal dificuldade enfrentada atualmente na localidade.



Prédio atual da capela São Pedro foi inaugurado em 1980

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Esta reportagem contou com a colaboração voluntária da família da professora Marta Teresinha Graef da Silva (44 anos), com informações da primeira professora da Escola Municipal de Linha Cerrito, Noely Graef (70 anos). Também foram aproveitadas informações da pesquisa organizada em 1999 pela Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires. Livro Abrindo o Baú de Memórias, do Museu de Venâncio Aires...



Do alto do Cerrito, pôr do Sol oferece um belo espetáculo

O Rincão de Lázaro de Souza

De acordo com o dicionário, "rincão" é um lugar retirado, recanto; trecho da campanha gaúcha onde haja arroyo, um capão ou qualquer mancha de mato; lugar onde alguém nasceu, terra natal, notadamente considerado um local aprazível, sossegado e bonito... O atual Rincão de Souza teve origem na sesmaria concedida em 1818 a Lázaro de Souza, com extensão de meia légua em quadro. Na época o local chamava-se Rincão das Mulas e tinha grande importância estratégica para o comércio de toda região. As mulas foram usadas como força de tração para carroças e carretas até as primeiras décadas do século XX, quando foram substituídas gradualmente pela tração a cavalo ou boi. Com a chegada da família Souza e o seu desenvolvimento, o nome do lugar foi alterado para Rincão de Souza. Esta denominação aparece no mapa da antiga fazenda Mariante, de 1882.

Os imigrantes germânicos que se instalaram em maior número foram da família Weschenfelder: Frederico, Martin, Roberto e Antônio. Também constam entre os pioneiros: Valinino Becker, Jacó Klein, Guilherme Fritzen, Ricardo Maggione, José Back, Jacob Fritzen, Joco Eckert, João Lorenzo Staub, Carlos Mühl, João Luis Pires, Antonio Caminho, Justino Faleiro, Arnoldo Kern, Theobaldo Dalfert, Franquelin Flores, Alvinio Fagundes, Virgínio de Freitas, Carlos Francisco Mallmann e Emílio Kist. Nota-se a presença de famílias de descendência lusa e italiana ente os mais antigos, que chegaram entre 1850 a 1870.

No início estas famílias enfrentaram muitas dificuldades devido à falta de dinheiro; falta de infra-estrutura (tudo era feito a mão, poucas ferramentas); não havia estradas, só picadas entre matas e sangas. A energia elétrica só chegou na década de 1970.

EVOLUÇÃO

Até os primeiros anos de 1900, a ligação do Rincão de Souza com a cidade era feita por trilhas ou picadas. A principal trilha ligava a vila com a sede da fazenda Mariante e seguia pelo caminho da Picada Mariante até o porto no rio Taquari. Por volta de 1910 o governo do Estado iniciou a construção da RS-240, hoje RSC-287. Esta estrada interligava as novas colônias de imigrantes germânicos que prosperavam nas localidades de Estância Nova, Rincão de Souza, Campo Grande, Cerro dos Bois e Ponte Queimada, passando pela antiga Linha Carlos Telles, que também havia sido loteada, nas proximidades da Sanga da Divisa.

A primeira escola do Rincão funcionava em uma peça da casa de Ervino Reinoldo Veiga. Recebeu o nome de Escola Municipal Vasco da Gama e teve como primeira professora Araci Leite Ferreira. Foi inaugurada em 15 de março de 1943. Os alunos da época escreviam em lousa (pedra). Em 10 de agosto de 1976 quando o atual prédio atual foi inaugurado, o nome da escola foi alterado para Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosina Schauenberg, em homenagem a uma professora natural da localidade e que lecionou na década de 1940.

Os moradores da época produziam fumo de corda, trigo, milho, feijão, batata inglesa, arroz, soja e cana-de-açúcar, usada para fazer melado. O relevo é misto, com áreas planas e áreas com pequenos acíves, em função da proximidade com o Cerro dos Bois.

Uma tradicional casa de comércio funcionou na localidade entre as décadas de 1950 e 60. Pertencia a Carlos Francisco Mallmann, com armazém de secos e molhados, açougue, moinho para fazer farinha de milho e des-



Neste ponto, RSC-287 ganhou novo traçado, deixando Rincão de Souza de lado



Capela Nossa Senhora Aparecida, inaugurada em 2004



Salão comunitário inaugurado em 1994

casador de arroz. Ao lado havia um salão de baile, inaugurado em 1951 e que também pertencia a Mallmann. O local tornou-se ponto de referência da localidade. Antes, o povo se divertia reunindo-se nas casas, onde a vizinhança dançava ao som de gaita e violão. Carlos Mallmann faleceu em consequência de uma picada de cobra cascavel. Após o seu falecimento, a casa comercial foi fechada.

A primeira sociedade foi fundada em 1977, com a denominação de Clube 45 Rincão de Souza, reunindo um grupo de jovens, que recebia assistência técnica da Emater para desenvolver atividades voltadas ao meio rural. Este grupo não existe mais. Em 08 de maio de 1984, também com apoio da Emater, as senhoras da localidade fundaram o Grupo do Lar Unidas Venceremos. No dia 15 de setembro de 1988 foi fundada a Sociedade Esportiva, Cultural e Recreativa de Rincão de Souza. Em 29 de maio de 1994 foi inaugurado o salão comunitário, construído ao lado da escola, através de mutirão entre as sociedades locais com o apoio da prefeitura municipal.

Ir à missa é uma tradição entre os moradores. Anualmente, no mês de outubro, a comunidade promove grande festa com procissão. No ano

de 2004 a comunidade católica local viu um antigo anseio realizado, com a inauguração da capela em honra a Nossa Senhora Aparecida, em terreno doado pela família de Helmut Veiga, ao lado da escola.

ATUALIDADE

O Rincão de Souza possui uma extensão territorial aproximada de 20 km quadrados e está distante 16 km da cidade de Venâncio Aires. A principal via de acesso é a RSC-287, passando pela Ponte Queimada. Também há um corredor ligando a RST-287 à estrada RS-240, antiga estrada que ligava Venâncio Aires ao porto de Mariante, passando pelo Rincão de Souza. Até a década de 1960, todo o movimento vindo da região da Serra e que passava por Venâncio Aires em direção a Porto Alegre, obrigatoriamente passava pelo Rincão de Souza. Com o asfaltamento da rodovia, foi feito um novo traçado a partir da Sanga da Divisa até a Sanga das Mulas.

Aproximadamente 100 famílias residem em Rincão de Souza. A agricultura continua sendo a base da economia, com destaque para a produção de fumo de forno (estufa) e milho. Também planta-se aipim, batata-doce e

verduras, mas para a subsistência. Após a colheita do fumo, muitas pessoas buscam emprego de safrististas nas empresas fumageiras da cidade, para complementar a renda da família. A agricultura passa por uma crise. A falta de valorização da produção está provocando o êxodo rural. A falta de melhores condições de trafegabilidade das estradas de acesso também é apontada como um fator de desestímulo ao homem do campo.

O grupo do lar Unidas Venceremos reúne-se uma vez por mês para o jogo de bolãozinho de mesa e, anualmente, realiza uma festa com a presença de diversas sociedades convidadas. Ao longo do ano, o grupo prestigia festas em outras localidades. No salão comunitário acontecem os eventos sociais e de lazer da população, organizados pelas sociedades e pela escola. Desde 2005, todas as sociedades culturais passaram a ser chamadas "associações".

A EM Rosina Schauenberg conta com 24 alunos, atendidos pelas professoras Neli Teresinha Bogorny Veiga

e Louvane Walker Chaves, que residem na comunidade. As professoras tentam valorizar a cultura dos antepassados, bem como desenvolver o sentimento de identidade dos alunos para com a localidade. Na escola existe uma maquete destacando as estradas e os principais pontos de referência da localidade. Em um pequeno museu, os estudantes têm contato com documentos, objetos e fotografias antigas. Entre os objetos mais antigos estão pedras lascadas, da época em que a localidade era habitada por índios, há mais de 300 anos. Outros objetos indígenas encontrados foram doados ao acervo histórico da Unisc. Também constam entre as atrações do museu: moedas antigas, objetos de caça e utensílios domésticos usados pelos antepassados.



Maquete construída pelos alunos identifica os pontos de referência



Professoras e alunos da EMEF Rosina Schauenberg



Moedas antigas estão guardadas no museu da escola

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As professoras Neli Teresinha Bogorny Veiga e Louvane Walker Chaves e os alunos da E.M. Rosina Schauenberg. Livros Pesquisados: Dicionário Eletrônico Michaelis e Abrindo o Baú de Memórias... Foram aproveitadas informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação, através de pesquisa realizada em 1999.

A estrada mudou os rumos da história e criou uma **Nova Vila** na velha Estância

A Vila Estância Nova é a sede do nono distrito de Venâncio Aires. Situa-se a aproximadamente 15 quilômetros do centro da cidade. Seu desenvolvimento aconteceu de maneira mais acentuada a partir do asfaltamento da RSC-287, na década de 1970. Mas a história da Vila Estância Nova começa com a história da Estância São José, também chamada de Estância Velha, onde funcionava a sede da Fazenda Mariante, do coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante. Em 1856 o coronel fundou em suas terras a Colônia Mariante, a primeira colônia de imigrantes germânicos de Venâncio Aires. Um mapa de 1882 revela a localização dos lotes, onde hoje encontra-se a Vila Estância Nova.

Até 1996, toda a região do nono distrito estava inserida no segundo distrito, com sede em Vila Mariante. Naquele ano houve a última redistribuição distrital de Venâncio Aires. Dois anos depois era criada a Vila Estância Nova, para ser sede do nono distrito, que até então era chamado de Estância Mariante.

ORIGEM

Em meados do século XVIII, a colonização do Rio Grande do Sul foi intensificada por casais luso-aborígenes, que encontraram aqui uma terra habitada por índios, escravos fugitivos, exploradores bandeirantes, militares e aventureiros de toda a espécie. No Vale do Taquari, os lusos instalaram-se nas proximidades do rio e de seus afluentes, especialmente os arroios Taquari Mirim e Castelhan, cujas margens eram ricas em madeira de lei, além de campos próprios para o desenvolvimento da pecuária.

Com o assentamento das famílias no vale dos dois arroios e do rio Taquari, dá-se início ao povoamento do futuro município de Venâncio Aires. Um dos mais antigos proprietários de terras da região foi o capitão Francisco Machado Fagundes da Silveira, que recebeu da Coroa portuguesa uma sesmaria, cuja área engloba atualmente a cidade de Venâncio Aires e parte do primeiro distrito. Seus descendentes foram negociando essas terras com outros colonizadores que aqui foram se instalando.

José Holbrook era imigrante inglês e foi um dos grandes proprietários da região das várzeas do Taquari Mirim por volta de 1800. Fabricava tamancos e tornou o lugar conhecido como Faxinal dos Tamancos.

A história do coronel Antônio da Silva Mariante inicia 50 anos mais tarde (mais detalhes no suplemento que conta a história de Vila Mariante). Em 1853 ele recebeu do governo imperial uma sesmaria de terras, onde instalou a Estância Mariante, com sede onde hoje é a Estância São José.

Além da família Mariante, os primeiros imigrantes luso-aborígenes a instalarem-se na região tinham sobrenome Ferreira, Rocha, Silveira, Machado, Macedo de Campos, Silva, Souza, Vargas e Pacheco.

Um dos filhos do coronel, Guilherme Mariante, estudou na Alemanha, na cidade de Hamburgo e tinha domínio sobre o idioma. Ele teve papel fundamental na decisão do coronel de instalar em suas terras a primeira colônia de imigrantes alemães de Venâncio Aires, fato ocorrido em 1856.

As primeiras famílias alemãs que colonizaram a Estância Mariante foram Christ e Beuren. Mais tarde vieram da região do Cai e Santa Cruz do Sul as famílias Royer, Weschenfelder, Back, Lauermann, Bourscheidt, Dörr, Mühl, Recktenwald, Bösing, Dalferth, Rippel, Reichert, Schneider, Schons, Graeff e Konzen. Em 1882, a antiga sesmaria do coronel Antônio foi medida judicialmente a fim de dividir os novos lotes. A partir de 1890, Guilherme Mariante e sua esposa Alzira Lopes Mariante, nomearam o imigrante Josef Graeff como encarregado da colonização. O casal muda-se para Porto Alegre e Graeff passa a ser seu representante legal nos negócios com as terras.

ESTRADA

Até o início do século XX, a estrada da Picada Mariante era a principal via de comunicação de Venâncio Aires até o rio Taquari. Uma picada nova havia sido aberta pela margem do arroio Castelhan, para facilitar o escoamento da erva-mate e da madeira extraídos de Linha Cerrito e Linha Herval.

Em 1892, Guilherme Mariante e sua mulher vendem ao imigrante João Böhm uma área de 50 mil braças quadradas. Este



Vista aérea do antigo seminário, hoje Instituto Penal Mariante



Atual sede da Comunidade Católica N. S. de Lourdes



Igreja Nossa Senhora de Lourdes



E.E. Adelina é a maior do nono distrito, com quase 500 alunos



Vista aérea da E.E. Adelina logo após a construção do ginásio de esportes

lote, de número 22, limitava-se com a Estrada Real. Partia do porto junto ao rio Taquari, passava pela sede da estância e seguia até o outro povoado em desenvolvimento, na época chamado de Faxinal dos Fagundes.

Em 1906 o governo do Estado iniciou a construção de uma nova estrada, que ligaria o Porto Mariante até Soledade, passando pela Vila de Venâncio Aires. Esta estrada serviria para escoar a produção de grãos, erva-mate e madeira da região alta da serra. Parte do traçado da antiga picada Mariante foi aproveitado, mas desviou o movimento que passava pela velha estância. Na época já havia moradores perto da nova estrada, mas a partir daí mais famílias foram se instalando.

A estrada facilitou muito o escoamento dos produtos que eram transportados por carroças até o porto de Mariante. O povoado de Estância Mariante se desenvolveu. Surgiram grandes casas de negócios e uma atafona. Também havia um engenho de serra (serraria) e um engenho de arroz (moinho) e uma ferraria.

Em 1927 a Sanga das Mulas ganhou sua primeira ponte. Antes dela, as carroças e carretas tinham que cruzar a sanga por dentro da água. O lugar ganhou este nome após uma encurrada que arrastou a carroça durante a travessia e as mulas morreram afogadas. A ponte era de madeira e, para ter vida útil mais longa, recebeu cobertura. A cerimônia contou com a presença de autoridades e duas bandas musicais da localidade: Os Weschenfelder e os Recktenwaldt, ambas da Estância São José.

A história da Estância Mariante seguiu paralela a história da Estância São José até a década de 1970. Com a separação completa deu-se o asfaltamento da estrada, identificada como RS-240, depois RST-287 e, atualmente, RSC-287. Com a separação das duas localidades, formaram-se dois povoados: o da Estância Mariante, às margens da rodovia e, o da Estância São José, também conhecido como Estância Velha.

Desde 1996 a rodovia é administrada por uma empresa privada, que cobra pedágio. As condições de trafegabilidade são boas. Para coibir os excessos de velocidade, nas proximidades da Escola Adelina Konzen foi instalada uma sequência de sonorizadores. No lugar da antiga ponte sobre a Sanga das Mulas, uma moderna ponte de concreto permite a passagem de aproximadamente três mil automóveis e caminhões diariamente.

EDUCAÇÃO

Até a década de 1940, as crianças da região freqüentavam aulas em casas particulares. Mais tarde as aulas eram ministradas na

escola comunitária, junto à capela São José. Os professores ensinavam em língua alemã. A escola foi fechada durante a II Guerra Mundial. Logo após foi construída a Escola Bento Gonçalves e os professores passaram a lecionar em português.

Em 1953 o governo do Estado construiu a primeira escola perto da “estrada nova”. Chamava-se Escola Rural de Estância Mariante. A primeira professora foi Adelina Izabela Schons, que casou-se com Felix Konzen e passou a chamar-se Adelina Izabela Konzen. Félix Konzen doou o terreno para construção da escola em 1952.

O prédio escolar constava de uma sala de aula e dois sanitários. Anexo à escola, havia a moradia, com três quartos, uma cozinha, uma sala e um banheiro, onde residia a professora Adelina e sua família.

Em 1954 chegaram os padres sacramentinos holandeses que, inicialmente, hospedaram-se na escola até construírem os pavilhões de madeira do novo seminário em louvor a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, que passou a funcionar em 19 de março de 1955.

Com o constante crescimento da Estância Mariante, a escola necessitou de ampliação e tornou-se pólo da educação do nono distrito. No ano 2000 foi inaugurado o ginásio de esportes, ao lado da escola. Atualmente, a Escola Estadual de Ensino Médio Adelina Izabela Konzen conta com 467 alunos, 31 professores e cinco funcionárias, tendo na direção a professora Acela Spies Sieben.

RELIGIÃO

A primeira capela foi erguida em louvor a São José em 1897, na Estância Velha. No mesmo ano foi criado o cemitério, ao lado da capela, onde se encontra o túmulo de Guilherme Mariante, falecido dia 04 de março de 1918.

Em 1919 foi construída a primeira casa paroquial na Estância São José, mas a paróquia foi fundada trinta anos depois e entregue aos padres sacramentinos holandeses, que construíram o seminário, onde hoje é o Instituto Penal Mariante. Perto da igreja São José havia três salões de baile. Um de Alfredo Hendges, um de Wilson da Rosa Antônio e outro de Leopoldo Becker, onde funcionava a Sociedade de Tiro, que se desfez em 1942 quando as armas foram recolhidas devido a grande guerra.

Em 19 de dezembro de 1954 foi construída a primeira igreja matriz, de madeira, próximo ao seminário, onde as pessoas da localidade se reuniam para rezar e receber os sacramentos. Havia missa uma vez por mês. As pessoas vinham de longe, montadas a cavalo ou de “aranha”, um veículo com rodas de carroça, puxado por cavalo. O primeiro padre foi Pedro de Koning.

Em 22 de abril de 1958 foi colocada a pedra fundamental do seminário novo, ao lado da matriz da paróquia em Estância Mariante. A benção foi feita pelo cônego Albino Juchem, vigário de Venâncio Aires. O novo seminário foi construído com ajuda dos moradores da região e inaugurado em 1960.

Em abril de 1960 foi nomeada uma comissão pró-construção da nova igreja paroquial. Em março de 1962 foi feito o deslocamento da igreja matriz, de madeira, para o local onde seria construída a nova igreja matriz. Em maio de 1962 foi feito o lançamento da pe-



Relíquia histórica: mapa da fazenda Mariante, desenhado em 1882

dra fundamental da nova igreja. Em agosto de 1962 foi concluída as obras de alicerce da igreja. Em 1963 foi concluído o aterro para a construção da igreja. Foram feitas muitas festas comunitárias e organizados muitos mutirões de trabalho. No entanto esta igreja não foi concluída.

Em 1969, o governo do Estado adquiriu o prédio e as terras do seminário e ali instalou o Instituto Penal de Mariante. Por isso a comunidade teve de encontrar um novo local para construir sua igreja. Em junho de 1970 foi demolida a igreja antiga, pois já estava em precário estado. No lugar foi construído um salão, onde hoje se localiza a nova sede da comunidade Nossa Senhora de Lourdes, que a partir de 06 de março de 1971 servia também para missas, até a construção da nova igreja. Enquanto o salão era construído a comunidade ocupou uma sala do prédio do seminário para as missas.

Em agosto de 1973 foi feito o aterro para a colocação do piso da nova matriz. Em novembro de 1973 foi zelada missa na igreja com o piso de basalto concluído.

O terreno onde estão localizados a igreja e salão da Comunidade Nossa Senhora de Lourdes foi passado para Mitra Diocesana em 1974. Em 30 de julho de 1989 foi inaugurada a nova casa paroquial, ao lado da igreja com uma verba da Adueniat, entidade católica da Alemanha.

Além da igreja matriz Nossa Senhora de Lourdes, há aproximadamente 10 anos a localidade conta com um templo da igreja evangélica Assembléia de Deus.

Periodicamente, a comunidade Nossa Senhora de Lourdes promove grandes eventos sociais, bailes e festas, atraindo público de toda a região.

PRESÍDIO

O seminário funcionou por quase duas décadas. Com o encerramento das atividades religiosas, o local foi transformado em colônia penal agrícola, aproveitando a área de 99 hectares de terras em torno do prédio, de dois pavimentos. O objetivo do Estado era instalar ali detentos em regime semi-aberto, benefício que iria contribuir para a re-socialização do apenado, razão pela qual o presídio recebeu o nome de Instituto Penal Mariante.

Nos últimos anos, o IPM mantém 250 homens no regime semi-aberto, sendo que 120 participam do programa de trabalho em troca da redução da pena. Para cada três dias trabalhados, o tempo de detenção é reduzido em um dia.

ECONOMIA

O asfaltamento da rodovia representou o início de uma nova fase na história da Estância Mariante. A facilidade de acesso trouxe novos investimentos: postos de combustível, ferraria, carpintaria, oficina mecânica, casas de comércio, de material de construção,



Acela, Mariza, Adriana e Kelly realizaram a pesquisa em 2007

lançeria, posto de saúde municipal e capatazia da prefeitura, que é responsável pela manutenção das estradas municipais, que fazem a interligação entre todas as localidades do nono distrito. A ferraria de Godofredo Konzen é uma das mais antigas, fundada em 1916 e que mantém suas atividades até hoje.

Além do variado comércio, a agricultura da Estância Nova também é diversificada. Milho, soja, arroz e fumo aparecem em maior quantidade, mas também há investimentos em hortigranjeiros e produção de mudas de árvores. O relevo é plano e as terras são férteis, favorecendo a agricultura mecanizada. A psicultura e a apicultura encontraram condições favoráveis de desenvolvimento na localidade. A agropecuária já foi forte em décadas passadas, mas perdeu espaço para a fomicultura.

Em agosto de 1996, a localidade passou a ser sede do nono distrito de Venâncio Aires. Dois anos depois, a Estância Mariante

PARTICIPARAM DESTA REPORTAGEM

Esta reportagem foi realizada com base na pesquisa feita em 1999 pelas professoras Marisa D. J. Steffen e Neide R. de O. Brenner, da Escola da Adelina Isabela Konzen, que na época contaram com a colaboração de Libório e Cleide Wilges, Carlos Valentin Konzen, Valdir e Alzira Konzen, José Henrique Schneider, Arno e Serena Bohn, Nara Hendges, Lauzino Ferreira, Marino Schuh e filhos, Laura Jantsch entre outros. Foram consultados documentos existentes na escola, na Casa Paroquial e fornecidos pelo casal Wilges. A pesquisa de 1999 foi atualizada em 2007 pelas professoras Adriana Dornelles Jantch Kroth e Mariza D. J. Steffen; pela diretora Acela Spies Sieben e pela aluna Kelly Konzen, todas da Escola Adelina. Também contribuiu o diretor do Instituto Penal Mariante, Jânio César Schmidt. O professor Cláudio Carlos Fröhlich realizou pesquisa no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; Livros consultados: Abrindo o Baú de Memórias,... e o Livro do Centenário de Emancipação de Venâncio Aires.



Inauguração da ponte coberta sobre a Sanga das Mulas, em 1927



Vista atual da ponte sobre a Sanga das Mulas, na RST-453



Antigas rodas de carroça, atualmente enfeitam os jardins

Em 1765 os pioneiros encontraram um Campo Grande entre as matas

Localizada às margens do arroio Taquari Mirim e distante cerca de 20 quilômetros do centro da cidade, Linha Campo Grande conserva as características que marcaram os primeiros tempos do povoamento das terras do município de Venâncio Aires. Em 1762 os registros históricos apontam a chegada do capitão Francisco Machado Fagundes da Silveira à coxilha onde mais tarde se ergueria o Fachinal dos Fagundes. Apenas três depois, chegaram os primeiros proprietários de terras de Campo Grande.

A localidade recebeu este nome devido a grandes extensões de campos limpos entre as matas, quando da chegada dos primeiros colonizadores e militares portugueses, por volta de 1765. Entre os pioneiros estão José Antônio Ferreira Canabarro e Manuel dos Santos. Eram grandes proprietários de terras que usavam mão-de-obra escrava. Mais tarde, Franquelim Dornelles, Leandro da Luz e Ezequiel da Silva também se estabeleceram nas imediações. José dos Santos, Maria do Carmo e Narciso da Rosa estão entre os mais antigos moradores das proximidades da comunidade Nossa Senhora de Fátima. Entre os imigrantes mais antigos, aparece o italiano José Caetano Maggioni.

Fazendo jus ao próprio nome, até hoje Linha Campo Grande caracteriza-se por grandes extensões de terras, intercaladas por capões de mato e o Cerro dos Narcisos, principal elevação em meio à paisagem campestre. Limita-se com os municípios de General Câmara e Vale Verde, ao Sul; ao Leste limita-se com a localidade de Taquari Mirim; ao Oeste com Passo do Sobrado e, ao Norte, com Cerro dos Bois e Rincão de Souza.

EDUCAÇÃO

Não se sabe ao certo a data de fundação da primeira escola. Funcionava onde hoje é a fazenda de Manoel Celeste. A primeira professora foi Marina dos Santos Dornelles, descendente de Manuel dos Santos.

Em 1914, a professora fundou uma segunda escola em sua casa: a escola General Marquês do Erval. Ela era diretora auxiliada por Dalila de Souza, alfabetizadora e poetisa (escrevia belos sonetos). Os alunos vinham de longe, recebiam café da manhã e, se estivesse chovendo, almoçavam e lanchavam, até a chuva passar. No Natal a professora Marina fazia almoço e doces para os alunos e os pais partici-

pavam da confraternização.

Em 1941, a professora Marina já não podia mais trabalhar, então a escola Marquês do Herval foi transferida para Taquari Mirim onde recebeu o nome de Coronel Thomas Pereira. Na época, a professora Zilda Ferreira assumiu o lugar da professora Marina.

Já a escola de Taquari Mirim, da professora Maurícia Schröder, passou para o Campo Grande, com o nome de Escola Rui Ramos, em homenagem ao deputado Rui Ramos, que havia falecido em um trágico acidente aéreo. Funcionava em um galpão cedido por Theodoro da Silva Chaves. As primeiras professoras foram Nair Lucas Ferreira e Maria Pereira Eugênia. Esta escola iniciou suas atividades em 1º de agosto de 1967, mas seu decreto de criação só veio em 10 de janeiro de 1969. Naquele ano foi construído o primeiro prédio em alvenaria, em terreno doado por Saul Azambuja Rola. O atual prédio da Escola Municipal Rui Ramos foi inaugurado no dia 28 de maio de 1978. Atualmente conta com 16 alunos de 1ª à 4ª séries, tendo a coordenação da professora unidocente Rejane Maria Chaves da Silva.

Na localidade também funciona a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, nas proximidades da sede da comunidade de mesmo nome. Inicialmente essa escola também atendia as crianças em galpões cedidos pelos fazendeiros. Por volta de 1930 ganhou seu primeiro prédio próprio e passou a se chamar Escola Municipal Venâncio Aires. Atualmente, a Escola Municipal N. S. de Fátima conta com 21 alunos e duas professoras: Cirlei Teresinha Mühl e Paula Dalporte de Andrade.

Até meados do século XX, o racismo mostrava-se presente na comunidade. As pessoas negras eram impedidas de frequentar a escola e de participar das atividades de lazer ao lado dos brancos.

LAZER

As carreiras de cavalo em cancha reta e os bailes familiares eram as principais formas de lazer por volta do início do século XX. Os primeiros salões de bailes (casas de família) foram de propriedade de José Pereira Nunes e de Pedro Chaves.

O terceiro automóvel comprovadamente zero km vendido em Venâncio Aires foi para Linha Campo Grande. Amaro Dornelles adquiriu um Ford 1928, que foi motivo de grande admira-



EMEF Rui Ramos tem alunos de 1ª a 4ª séries



Prof.ª Cirlei com a imagem de N.S. de Fátima



Paisagem de Campo Grande, tendo ao fundo o Cerro dos Narcisos

ção entre os moradores, pois o veículo tinha que vencer as péssimas estradas para chegar até a cidade. Atualmente o principal lazer entre as mulheres é o bolãozinho de mesa, praticado pelas sócias do Clube de Mães Nossa Senhora de Fátima. Os homens jogam futebol, bocha ou participam das atividades tradicionais na pista de rodeio Parceria Campeira.

Atualmente, as festas e eventos sociais acontecem no pavilhão da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, construído ao lado da capela e da escola e inaugurado no dia 14 de maio de 1995.

RELIGIÃO

A maioria da população de Campo Grande é católica, devota de Nossa Senhora de Fátima. A comunidade surgiu entre os anos de 1949 e 1950. Inicialmente as missas dessa comunidade eram rezadas na casa da professora Marina dos Santos Dornelles e Martins Dornelles. Eram em parte rezadas em latim e o padre ficava de costas para os fiéis. O padre Albino Juchem batizava, benzia e ministrava outros sacramentos a domicílio. A professora Marina também

colaborava com a catequese.

Olga M. da Costa Belina liderou um mutirão para construir a atual capela de Nossa Senhora de Fátima, ao lado da escola de mesmo nome. Olga foi a primeira professora desta escola. Vale citar que a professora Eva Faleiro lecionou por 23 anos. Atualmente, a professora Cirlei Teresinha Mühl guarda com carinho a imagem da santa, trazida de Portugal em 2005.

Campo Grande também tem um cemitério muito antigo. O primeiro enterro foi de José Antônio Ferreira Canabarro, em 1815, época em que o Brasil ainda era colônia de Portugal. Ele teria sido assassinado em uma tocaia, foi degolado e sua cabeça nunca foi encontrada. O crime teria sido motivado por rixas envolvendo rumos de terra.

Pela sua importância histórica, o cemitério de Linha Campo Grande mereceria investimentos em sua restauração. A maioria das antigas sepulturas está abandonada. Há lápides esculpidas em pedra grês (laje) em peça única, datada de 1870.

AGRICULTURA

Tanto os pequenos proprie-



Lálide em peça única, de 1870, está abandonada no cemitério

tários, como os fazendeiros, tem por hábito plantar vários produtos. As famílias produziam feijão, arroz do seco, aipim, batata doce e milho para subsistência. O arroz irrigado era produzido em Porto Alegre e os "ricos" mandavam buscar o produto. Por volta de 1930, os colonos iniciaram a plantação de fumo de galpão. Joaquim Borba Granja foi o primeiro plantador. Pedro Luis Nazário comprava a produção a olho, isto é, não usava balança, calculava o peso e fazia o preço e depois revendia o produto em Porto Alegre. Mais tarde foram sendo introduzidas outras variedades de fumo e, hoje, se constitui importante fonte de renda da localidade.

Por muito tempo o comércio praticamente inexistia. A primeira casa de negócios foi de Luis Schröder em Taquari Mirim, depois a venda de José Pereira Nunes que também fazia biscoitos para vender e por isso ficou conhecido como Zeca Biscoito.

Em toda a localidade, de aproximadamente 10 km quadrados, moram cerca de 50 famílias. A maioria é composta por meeiros e arrendatários de terras, oriundos de outras localidades, que atuam na plantação de fumo, soja e arroz. Na entressafra do fumo, os agricultores empregam-se nas empresas fumageiras da cidade. A pecuária já foi a principal atividade dos antigos proprietários. Hoje ela continua sendo desenvolvida, porém em menor escala. Atu-



Luiza Gomes Pereira da Silva quer que os jovens permaneçam na roça

almente a criação de bovinos, ovinos, suínos e aves destina-se ao consumo próprio. O cultivo de trigo também foi importante fonte econômica da localidade, bem como o beneficiamento de aipim, através das atafonas.

Atualmente, Linha Campo Grande também enfrenta as consequências do êxodo rural. A cada ano o número de alunos das duas escolas diminui. Os motivos são as transferências das famílias de agregados e meeiros, ou porque os jovens buscam vida melhor na cidade. O número de filhos das novas famílias também é menor. São poucas as famílias de pequenos proprietários. A agricultora Luiza Gomes Pereira da Silva (85 anos) é a matriarca de uma dessas famílias e uma das mais antigas moradoras do lugar. Era mora no Campo Grande desde os 14 anos, casou-se com 20 e fez a vida com o marido e seis filhos em uma pequena propriedade de 20 mil braças (aproximadamente 10 hectares). Ela lamenta que os jovens estejam abandonando a agricultura. As principais dificuldades enfrentadas pelos agricultores são: a falta de rede trifásica de energia elétrica, melhoria dos acessos às propriedades, alto preço dos insumos agrícolas e, por outro lado, o baixo valor da produção.



Professoras e alunos da EMEF Nossa Senhora de Fátima

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Rejane Maria Chaves da Silva, pais e alunos das EMEF Rui Ramos; a professora Cirlei Teresinha Mühl, pais e alunos da EMEF Nossa Senhora de Fátima e a agricultora Luiza Gomes Pereira da Silva. Foram utilizadas informações da pesquisa realizada em 1999 pela Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires.



Capela Nossa Senhora de Fátima, ao lado do pavilhão comunitário

Um Travessão para ligar Picada Mariante a Picada Nova

A localidade de Travessão Mariante surgiu da necessidade de haver uma estrada que ligasse a Picada Mariante (antiga) com a Picada Nova, aberta nas margens do arroio Castelhana e do rio Taquari. O terreno é composto basicamente por várzeas e pântanos. Nas áreas um pouco mais elevadas desenvolve-se a agricultura.

Na agricultura destacava-se a plantação de alimentos como: aipim, feijão, milho. Também plantavam soja. Comércio não havia, até a poucos anos atrás, as pessoas se deslocavam até outras localidades. Atualmente a única casa comercial é atendida por Sueli Wagner. Não há igreja. Ao todo, cerca de 170 pessoas residem na localidade. Além do trabalho na lavoura, nos últimos anos os moradores iniciaram o trabalho assalariado nas empresas fumageiras de Venâncio Aires e no frigorífico de Picada Nova.

Hoje a base da economia continua sendo a agricultura, destaca-se principalmente a plantação de fumo, também planta-se arroz, feijão e milho. O terreno plano favorece a agricultura mecanizada. Nas áreas de várzea, a paisagem lembra os primeiros tempos da colonização, com vastos campos e mata nativa.

Como diversão há festas comunitárias e escolares. Outras atividades de lazer são olhar televisão e jogar bocha. Os vizinhos mantêm o hábito de visitarem-se e o chimarrão é a principal bebida servida às visitas.

Atualmente existe um salão comunitário ao lado da escola Escola Municipal de Ensino Fundamental Theotônio Francisco dos Santos. A escola conta com 11 alunos e é atendida pela professora unidocente Maria Rosane da Cruz.

Esta nova estrada ganhou o nome de travessão e começou a ser povoada a partir da década de 1930. Os primeiros moradores foram Alberto e Guilherme Schröder, Felipe Wagner e Galdino de Araújo. Theotônio Francisco dos Santos foi um dos grandes proprietários de terra e também tinha uma casa comercial forte na Picada Mariante. Ele teve influência no desenvolvimento do Travessão, ao doar o terreno para construção da primeira escola.

Em 1987 foi inaugurada a primeira escola, denominada de "Escola Municipal de Travessão Mariante", tendo como primeira professora Schirlei Elvira Leites. Até então as crianças tinham que freqüentar a escola nas localidades vizinhas, em Picada Mariante ou Picada Nova.

A primeira estrada era somente um trilho para carroças e cavalos. O resto era só mato. Mais tarde foi construída uma pinguela em outra trilha até Picada Mariante. Depois foi construída uma estiva de coqueiro para passar carroças. Anos depois foi construída uma ponte. No início da década de 1970 as estradas começaram a ser acasalhadas e ganharam melhores condições de trafegabilidade.

Atualmente, ainda existe grande quantidade de mata nativa e locais



Paisagem atual lembra os primeiros tempos da colonização, com vastos campos e floresta nativa (

Linha São João está desaparecendo



Pavilhão comunitário junto à antiga escola de Linha São João

No distrito de Estância Nova, quatro localidades estão desaparecendo do mapa. Os moradores mais antigos ainda lembram da Picada Castelhana, da Linha Carlos Teles, do Capão Grande e da Linha São João. Destas, apenas a Linha São João tem como referencial o pavilhão comunitário, construído junto ao prédio da antiga Escola Municipal Visconde de Mauá. Com o fechamento da escola, os alunos foram transferidos para a Escola Adelina Konzen, na Vila Estância Nova. Assim como a educação, a economia e toda a identidade da Linha São João lentamente está sendo incorporada pela Vila. Este fenômeno também é registrado em outras localidades antigas de Venâncio Aires.

A Linha Carlos Teles ainda é citada por moradores mais antigos, porém não aparece no atual mapa de Venâncio Aires. Referências sobre esta localidade foram encontradas no mapa municipal de 1930. A localidade aparece como uma colônia de terras dividida em lotes e, provavelmente, vendidos aos imigrantes alemães. Pela orientação geográfica, a Linha Carlos Teles faria divisa com Rincão de Souza e Cerro dos Bois.

O Capão Grande aparece no mais antigo mapa da fazenda Mariante, datado de 1882. Capão é uma área de mata limpa por baixo, onde o gado costuma descansar e pousar. O

existir foi Linha Castelhana. Nas pesquisas realizadas na região não foram encontrados referenciais sobre a localidade, que ficaria próximo às várzeas do arroio Castelhana.

Capão Grande ainda existe, mas não é uma localidade e, sim, um ponto de referência entre Linha Mangueirão e Picada Nova.

Outra localidade que deixou de



Professora e alunos da escola de Travessão Mariante

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Maria Rosane da Cruz e os alunos da EM Theotônio Francisco dos Santos. Também foram utilizadas informações de uma pesquisa histórica feita pela Secretaria Municipal de Educação de Venâncio Aires, em 1999.



Terreno plano permite o desenvolvimento da agricultura e pecuária



Pavilhão comunitário ao lado da escola do Travessão Mariante

Atafona, pichurum e beiju na



Professoras e alunos da EE Ondina dos Santos Martins

O arroio Taquari Mirim marca a divisa de Venâncio Aires com os municípios de Santa Cruz do Sul, Passo do Sobrado, Vale Verde e General Câmara. Toda a faixa costeira desse arroio é conhecida pela população ribeirinha como Taquari Mirim, porém apenas uma localidade ocupa oficialmente o nome de Linha Taquari Mirim. Esta localidade está situada nas várzeas do mesmo arroio, fazendo divisas, ao Sul com Vale Verde, ao Leste com o distrito de Mariante; ao Norte com Linha Mangueirão e ao Oeste com Linha Campo Grande. Está distante 26 quilômetros do centro de Venâncio Aires e a principal via de acesso é a RSC-287 até a localidade de Mangueirão, dobrando à direita e seguindo por uma estrada municipal. Taquari Mirim é um nome de origem indígena e significa "taquari pequeno". Muitos dos hábitos trazidos pelos portugueses ainda são preservados na localidade. É o caso do beiju (ou beiju), tipo de bolinho feito com farinha de mandioca, que era produzida em atafonas (ou tafonas) pelo sistema de pichurum (ou pichurão). São resquícios de uma cultura antiga que está se perdendo com o passar do tempo.

Até meados do século XX, a localidade era conhecida como Passo do Severino, em referência ao capitão Luiz Severino, dono de campos nas proximidades de onde hoje é Linha Cerro dos Bois. Também consta entre os primeiros colonizadores luso-aborígenes, o estancieiro Severino Teixeira, dono de vasta área nas proximidades de onde hoje é Linha Mangueirão. Provavelmente ambos sejam a mesma pessoa. Também existia um outro Severino, de sobrenome José da Silva, proprietário de terras na região onde hoje é o Campo Grande, por volta de 1850. Naquela época, não existia ponte sobre os arroios. A passagem de pedestres e animais era feita em locais onde havia água rasa ou pedras. Com o tempo, esses locais acabaram recebendo o nome de "passo". Foi assim que surgiu Passo do Sobrado, Passo da Mangueira e Passo do Severino, entre outros locais que conservam essa denominação até hoje.

PIONEIROS

Os primeiros registros conhecidos



Capela São Manuel ao lado do cemitério

apontam o açoriano José Joaquim da Rosa como o primeiro proprietário legalmente habilitado a explorar as terras e produzir na localidade hoje conhecida por Taquari Mirim. Em 1819 ele recebeu uma sesmaria medindo uma légua de largura (aproximadamente sete quilômetros), por uma légua e um terço de comprimento (aproximadamente 10 quilômetros). Severino Teixeira teria chegado mais tarde. Estes proprietários habitavam em casas grandes e possuíam escravos, que moravam nas senzalas.

A partir de 1857, famílias de imigrantes alemães iniciaram o povoamento de lotes da antiga colônia Mariante. August Ferdinand Schröder foi o pioneiro. Nasceu na Pomerânia (atual Polônia) e veio para o Brasil casado com Joana Sofia. Tiveram nove filhos. Um dos filhos, Roberto Schröder, adquiriu terras de Severino Teixeira. Ao comprar as terras, Schröder teria recebido quatro escravos, os quais foram alforriados e passaram a trabalhar como empregados. Quando casaram, receberam em doação um lote de terras para iniciarem nova vida. Amaro Ferreira e José Carlos da Silva (conhecido por Zé Mirim) estão entre os mais antigos.

As dificuldades eram inúmeras nesse período: não existia luz elétrica e as estradas eram precárias. As terras não eram demarcadas de maneira eficaz; as divisas eram delimitadas com pedras, taipas de terra e taquaras. Uma dessas pedras de divisa ainda existe. Nela estão gravados o nome de Manoel Narciso da Rosa e o ano 1886. Esta falta de critério provocou muitas rixas entre famílias. Na época, a maioria dos desentendimentos era resolvida à bala. Houve muitos crimes (assassinatos) por posse da terra.

Na planta da antiga Fazenda Mariante, desenhada em 1882, aparecem como proprietários de terras nas margens do arroio Taquari Mirim: Antônio de Miranda e Castro, Eufrásia Ferreira Dornelles, herdeiros de Severino José da Silva e herdeiros de José Vieira da Silva. Também estão entre os moradores mais antigos: Olício Rosa, Antônio Martins (Nico), Simeão Martins, Eufrásio Narciso da Rosa, Roberto Schröder e Manoel Narciso da Rosa. Estes pioneiros com o nome "Narciso" ou "Narcizo" moravam



Casarão em estilo colonial português está abandonado

perto de um cerro chamado "Serra do Gado Manso" (por volta de 1880). Mais tarde o local passou a ser chamado "Cerro dos Narcisos", denominação utilizada até hoje.

ÍNDIOS

O nome do arroio Taquari Mirim constitui-se atualmente no maior legado deixado pelas comunidades indígenas que habitavam esta região antes da chegada dos portugueses e espanhóis, também conhecidos como castelhanos. A partir do estabelecimento das primeiras colônias de imigrantes, os índios já haviam se afastado para locais mais distantes. Apenas vestígios da presença indígena foram encontrados, especialmente peças em cerâmica, como bacias, jarros e panelas. Os utensílios eram encontrados durante a lavagem das terras.

Em Taquari Mirim foram encontrados também cachimbos e armas, além dos utensílios de barro, além de ossos humanos dentro de potes de barro. Entre as armas, mantém-se preservada na Escola Thomaz Pereira uma pedra lascada, com um dos lados afiados. Os antigos acreditavam que os índios usavam estas pedras como arma (atadas em um cabo de madeira, formando uma machadinha). As pedras afiadas também serviam para cortar o cabelo, entre outras utilidades.

ESCRAVOS

Em Linha Taquari Mirim existe até hoje uma casa grande construída na época dos escravos. Está localizada próximo da ponte que liga Venâncio Aires a Vale Verde. Estima-se que a casa teria sido construída na época do Império. Ela preserva as características das construções portuguesas da época: as paredes foram erguidas com pedras irregulares, preenchidas com argamassa de barro; o telhado recebeu adaptações ao longo do tempo, mas prevalecem as telhas canoinhas moldadas nas coxas dos escravos; as aberturas seguem dois estilos: são retas na parte da frente e nas laterais, enquanto que no fundo da casa, a madeira que compõem as portas e as janelas foi levemente arqueada na parte superior.

Outro detalhe que chama a atenção na casa é a fachada, que está virada para o arroio Taquari Mirim e não para a estrada que cruza ao lado. O motivo é simples: na época da construção (aproximadamente 150 anos atrás), o arroio representava o mais eficaz meio de transporte até o rio Taquari. Hoje as margens do arroio estão cobertas de vegetação. A casa grande encontra-se em estado de abandono.

Antes de ser abandonado, o casarão foi por muitos anos ponto de referência da localidade por existir ali uma casa de comércio (venda). Apesar de abandonado, o casarão continua sendo uma atração turística. Além de conhecer

e comprar a madeira. Após a construção desta igreja a escola passou a funcionar em suas dependências.

EDUCAÇÃO

Desde a década de 1950, Taquari Mirim conta com duas escolas: uma municipal e outra estadual. O agricultor aposentado Antônio Reinaldo Schröder, conhecido como Antoninho, é descendente da primeira família de imigrantes alemães do lugar. Seus ancestrais contribuíram muito para a educação. A primeira escola iniciou seu funcionamento pelos anos de 1930, com a professora Laurinda Faleiro (Dona Jota) que lecionava em uma sala da casa de Gustavo Schröder. Poucos anos depois, por volta de 1933 ou 1934, a professora Maurícia Schröder da Silva continuou este trabalho até mais ou menos 1945. Em 1951 foi construída a primeira escola, transferida do Campo Grande com o nome de Escola Marquês do Herval. A frente dos trabalhos de construção estava o agricultor Eufrásio Narciso da Rosa, que também doou um terreno para a escola e o cemitério. A pedido de Eufrásio, o nome da escola foi alterado para Thomaz Pereira.

A primeira professora foi Dalila Pereira, que trabalhava na casa de Eufrásio. Os alunos vinham de longe, inclusive da Vila Mariante. Alguns se hospedavam em casa de parentes ou conhecidos durante o ano letivo. Dentre as histórias relatadas, se destaca a dificuldade dos alunos irem à escola, porque os únicos meios de transporte eram o cavalo ou os próprios pés. Não tinham merenda e muitos até desmaiavam de fome durante as aulas. Geni Ferreira da Silva foi aluna em 1957 e, depois, já na década de 1970, foi professora da Escola Cel. Thomaz Pereira.

O coronel Thomaz Pereira foi o mais célebre vulto da história de Venâncio Aires, do tempo em que o "coronelismo" imperava no município. Nascido em Santo Amaro, viveu sua mocidade em Porto Alegre, onde prestou relevantes serviços

RELIGIÃO

Até a década de 1950, as famílias praticavam sua fé na própria casa ou em casa de vizinhos, especialmente na casa de Gustavo Schröder. A pedra fundamental da primeira igreja de Taquari Mirim foi lançada no dia 06 de maio de 1950, em terreno doado por Eufrásio Narciso da Rosa. A primeira igreja era de madeira em honra a São Manuel. Foi realizada uma festa para arrecadar fundos



Prof.º Jéferson junto ao casarão dos escravos



Equipe da EMEF Coronel Thomaz Pereira que efetuou a pesquisa

história de Taquari Mirim

ao então governador Julio de Castilhos. A pedido do governador, veio para Venâncio Aires em 1892 para auxiliar na organização do município que havia se emancipado um ano antes.

Os anos foram passando e Taquari Mirim crescendo. Como o número de alunos também crescia consideravelmente, em 1981 iniciaram as obras do atual prédio, em terreno doado por Telmo Borba. O prédio ficou pronto dois anos depois. Tinha três salas de aula, uma secretaria e banheiros. Em 1999 teve início o atendimento às crianças da pré-escola. No ano seguinte, novas ampliações foram feitas para abrigar o refeitório, a cozinha, mais uma sala de aula e banheiros. A partir de 2002, os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Coronel Thomaz Pereira passaram a receber transporte escolar gratuito. No ano seguinte a escola tornou-se pólo de educação na região, recebendo alunos de escolas menores que foram fechadas, no processo de nucleação do ensino efetivada no município. Atualmente, a escola conta com ampla estrutura física composta por seis salas de aula, biblioteca, secretaria, sala para os professores, refeitório e banheiros. Nos dois turnos do dia, 17 professores e dois agentes escolares atendem cerca de 200 alunos, da pré-escola até a 8ª série. A direção está a cargo da professora Ana Maria Guimarães. A pesquisa histórica foi conduzida pelo professor Jéferson Bervanger, com alunos de 5ª a 8ª séries.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Ondina dos Santos Martins foi criada em 29 de julho de 1953, com a denominação de Escola Rural de Taquari Mirim. Na década de 1960 recebeu novas instalações, em madeira, no estilo das famosas "brizoletas", construídas pelo então governador Leonel Brizola. Mais tarde estas instalações foram transformadas em refeitório e a escola ganhou um prédio novo, em alvenaria. Atualmente, duas professoras garantem a educação de 29 alunos, de 1ª a 4ª séries, nos dois turnos do dia, com a coordenação da professora Simone Chaves. A escola tenta preservar os costumes de antigamente, colocando na merenda escolar alimentos típicos da culinária portuguesa, como o biju, muito apreciado na época em que a mandioca era o principal alimento produzido na região.

ATAFONAS

Atualmente a economia de Taquari Mirim está baseada na produção de fumo, milho e arroz, em função do terreno plano e de várzeas. Estas três culturas começaram a ser exploradas a partir da década de 1940. Antes, o produto que dominava a economia local era a mandioca (aipim), além da pecuária de corte. A família de Cleto Teixeira de Borba iniciou suas atividades da agropecuária naquela época, comprando gado com recursos da venda da farinha de man-



Prof.º Jéferson, Geni Ferreira da Silva, Antoninho Schröder e Cleto Teixeira de Borba



Cerimônia de primeira comunhão realizada antigamente

dioca produzida nas atafonas, também conhecidas como tafonas.

Antes de 1940, as atafonas representavam para as comunidades de origem luso-ágórica, o mesmo que os moinhos coloniais representaram para as comunidades de origem germânica. Consistia em um grande galpão, que reunia o equipamento necessário para transformar mandioca em farinha e polvilho; descascar arroz e quebrar o milho, transformando-o em farinha e em cangica (milho quebrado).

Em época de colheita da mandioca, os proprietários de atafonas promoviam um mutirão, reunindo toda a vizinhança. Este mutirão era chamado "pichurum" ou "pichurão", outro costume trazido de Portugal. Começava de manhã e ia até o clarear do dia seguinte. Durante o dia todos trabalhavam na colheita da mandioca, que depois era lavada e ralada manualmente. A massa obtida era prensada em moendas movidas a tração animal. Em seguida, a massa

prensada era colocada em tachos sobre o fogo. Com uma pá de madeira, aquela massa era virada e revirada até formar a farinha. Para produção de um quilo de farinha eram necessários quatro quilos de mandioca, que depois de pronta era acondicionada em tulpas de madeira. Parte da farinha era usada na produção de bolos e pães, roscas e do beiju. Da mandioca era extraído o polvilho, muito utilizado na fabricação de roscas. Quase todos os proprietários de terra tinham atafona.

A farinha produzida em Taquari Mirim e em localidades vizinhas, era vendida para os carreteiros, que a levavam para toda a região da campanha até próximo da fronteira com o Uruguai.

O pichurum seguia noite adentro. O dono da atafona carneava um porco e algumas galinhas e fazia uma baita festa, ao som de sanfona e violão. Vergulino Gomes da Silva se destacava no bandonion. Na cozinha, as mulheres preparavam o beiju.

Além do cultivo da mandioca e da pecuária, Linha Taquari Mirim teve sua economia baseada na produção de cana-de-açúcar e na extração de madeira. A família Pittol veio residir na localidade procurando melhorar de vida e com isso passou a cultivar cana-de-açúcar para fazer cachaça, rapadura e melado. Para reforçar a renda, cortavam árvores e transportavam toros e moirões em carretas de bois até o Porto Mariante. A família de Ernesto Rosa de Borba investiu no comércio de secos e molhados. Os Schröder transformaram o velho casarão dos escravos em casa de comércio, que depois foi vendida para a família Harris e, mais tarde, foi desativada.

LENDAS

As pessoas mais antigas acreditavam que na Sanga das Carretas, afluente do arroio Taquari Mirim, aparecia uma mula-sem-cabeça nas noites de lua



Pedra que serviu como marco divisor de terras em 1886

cheia. Acreditavam também que bruxas trançavam as folhas de coqueiro, as crinas e os rabos de cavalos. Estas lendas permaneceram na crença das pessoas até por volta da década de 1970. As mães da época, escondiam seus filhos recém-nascidos dos raios da lua até o 7º dia de vida para evitar que fossem embruxados. Também acreditavam que as pessoas, nas noites de sextas-feiras, transformavam-se em lobisomem. Chegavam até a citar nomes de pessoas.

Contam que havia uma casa de pedra, que hoje é habitada, muito misteriosa, pois nela morava um fugitivo nazista que não deixava ninguém entrar, a não ser umas negras lavadeiras. Acreditavam que havia ouro enterrado no interior da casa.

Outra lenda contada na localidade, diz que na época dos escravos uma negra estava capinando no quintal quando encontrou um buião (espécie de jarro de barro) enterrado. Imediatamente foi contar o fato ao seu patrão, que pediu para a escrava deixar o buião no mesmo lugar, pois o mesmo era assombrado. No entanto, no dia seguinte, o referido utensílio havia desaparecido.

LAZER

Os pichuruns representaram a mais antiga forma de diversão e lazer dos moradores de Taquari Mirim. A partir da década de 1950, esta tradição entrou em decadência, juntamente com a produção e o comércio da farinha de mandioca.

Para divertirem-se, as pessoas se reuniam em bailes e saraus em casas de família, obedecendo rodízio entre os vizinhos. Também havia rodeios e carreiras de bois e cavalos, festas de casamentos e aniversários, com serenatas animadas por gaiteiros. Realizavam leilões e rifas, sendo que eram vendidas as cartas de um baralho e com outro baralho era feito o sorteio. Luis Sidney de Freitas investiu na construção de um salão de baile e fez sucesso na localidade.

Atualmente, a população de Taquari Mirim está organizada em torno das comunidades São Manuel e Nossa Senhora do Rosário. As sociedades existentes são: Sociedade Eufrázio Narciso da Rosa (Comunidade São Manoel), Sociedade de Damas, Sociedade Hídrica Cerro dos Narcisos, Associação Nossa Senhora do Rosário e Clube de Mães e campos de futebol. A comunidade Nossa Senhora do Rosário desenvolveu-se próximo da Escola Ondina dos Santos Martins. Conta com salão comunitário construído em terreno doado por Pedro e Manoel Chaves. Junto à comunidade São Manuel foi construído um moderno ginásio de esportes, obra que contou com recursos da prefeitura municipal. No salão ou no ginásio são realizadas festas comunitárias e da escola, praticar esportes e prestigiar demais acontecimentos da localidade, como a comemoração de aniversários, casamentos, batizados, primeira eucaristia, crisma, festa de São João (com o costume de pular a fogueira na noite), entre outras.



Vista atual da ponte que liga Venâncio Aires a Vale Verde. Foi a última ponte coberta (detalhe) de Venâncio Aires

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

O professor Jéferson Bervanger (32 anos) e alunos de 5ª a 8ª séries da EMEF Coronel Thomaz Pereira; o agricultor aposentado Antônio Reinaldo Schröder (79 anos); o agricultor e pecuarista Cleto Teixeira de Borba (71 anos); a professora aposentada Geni Ferreira da Silva; a professora Simone Chaves e alunos da EE Ondina dos Santos Martins. Livros pesquisados: Abrindo o Baú de Memórias, do Museu de Venâncio Aires... e O Dialeto Caipira/Pichurum, de Amadeu Amaral. Da internet: www.inema.com.br/tafona



Forno de pão, aquecido a lenha, usado nas atafonas

A Picada Nova às margens do

A história de Linha Picada Nova começa a ser contada por volta de 1880, quando Guilherme Mariante efetuou a divisão da antiga sesmaria do coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante. Até então a localidade integrava a antiga Colônia Mariante.

Localizada na divisa entre Venâncio Aires e Cruzeiro do Sul, às margens do arroio Castelhana, a aproximadamente 25 quilômetros de distância do centro da cidade, Picada Nova ficou assim conhecida por ser a nova alternativa para escoamento dos ervais e da madeira extraída das matas, onde hoje encontram-se as localidades de Linha Cerrito e Linha Herval. Na época da colonização existia somente a estrada da Picada Mariante para escoar toda a produção. A nova picada reduziu a distância até o rio Taquari, em Linha Chafariz. Atualmente, o principal acesso à localidade, a partir da cidade, é pela RSC-287, até Linha Mangueirão, entrando à esquerda e seguindo pelo corredor do Capão Grande.

A localidade também foi conhecida como Picada Gravatá, devido ao grande número de gravatás existentes nas proximidades do arroio na época da abertura da estrada. O gravatá pertence à família do abacaxi e do ananás; produz pequenos frutos amarelos, em cacho. O licor produzido pelo fruto era muito usado pelos antigos para tratamento de doenças respiratórias. Além da madeira e dos ervais, a nova estrada era utilizada para transportar porcos, gado e farinha de mandioca, que representavam as principais atividades econômicas e contribuíram para o desenvolvimento inicial da localidade.

Por muitos anos, Picada Nova também foi conhecida por Picada Almeida. Um dos primeiros proprietários foi João de Almeida, que adquiriu 10 colônias de terras na então Estância Mariante. Ele vendeu seus lotes para outras famílias, de origem açoriana e alemã. Entre as mais antigas estão as famílias de Conarato Hein, Amaro Martinho Dornelles e Rolindo Macedo de Campos, que chegaram entre os anos de 1880 e 1900. Entre as famílias mais antigas estão as de sobrenome May, Sonnemann e Lauermann.

EDUCAÇÃO

Os filhos dos antigos moradores frequentavam aulas nas capelas,



Capela Nossa Senhora da Imaculada Conceição

ministradas por professores pagos pelos pais. Na igreja evangélica o primeiro professor foi Carlos Müller. Na comunidade católica as aulas eram dadas por Guilherme Schmitt. Por volta de 1930 foi construída uma pequena escola que teve como professora Julieta Mendes. Na mesma época, a professora Leontina, irmã de Julieta, dava aulas na localidade vizinha denominada Capão Grande, em uma casa particular.

Em fevereiro de 1941 foi construída uma escola com apenas uma sala de aula na propriedade de Luís Vargas, onde sua filha Elcita Vargas, que havia se formado professora, começou a trabalhar. A escola recebeu o nome de Escola Municipal Marcílio Dias, por onde passaram várias professoras.

Em 19 de setembro de 1958, pelo decreto número 9.368, do então governador Ildo Meneghetti, foi alterado o nome para Escola Rural Marcílio Dias, de Picada Nova, sob administração do governo do Estado.

No início da década de 1960, a comunidade escolar adquiriu de Ricardo Carlos Güntzel (ou Künzel) uma área de terras onde foi construída uma escola de alvenaria com duas salas, inaugurada em 9 de julho de 1961, tendo como primeiros professores Maria Celita Luft e Ronaldo F. Weingaertner. Em 1969 a escola passou a denominar-se Escola Rural de Picada Nova. Pelo decreto número 25.413 de abril de 1977 o então governador

Sinval Guazzelli, a escola foi reorganizada e passou a denominar-se Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Arthur Emílio Mylius. Em 1991 a escola recebeu uma ampliação de 120 m², atendendo alunos de 1ª a 5ª série, sendo que após estes alunos paravam de estudar ou se deslocavam para Estância Mariante ou para sede do município. Em 1994 com a nucleação das escolas e o transporte escolar, a 5ª série foi desativada, permanecendo de 1ª a 4ª série. O educandário conta com 19 alunos de 1ª a 4ª séries, atendidos pelas professoras Suelise Lorenz Kist e Vera Lúcia Schwingel Wagner.

Em 1962 o número de alunos era grande na localidade, bem como as distâncias. Foi então criada mais uma escola, chamada Escola Municipal Liberato Salzano Vieira da Cunha. Era uma escola de madeira com apenas uma sala que atendia entre 50 a 60 alunos. Ela entrou em funcionamento em 1963 tendo como professoras Léia Terezinha Dornelles, Laura Neli Dornelles e Lucilda Heuser. Em 1982 foi inaugurado o novo prédio de alvenaria e já estava com o nome de Escola Municipal de 1º Grau Liberato Salzano Vieira da Cunha.

Em 2006, esta escola passou a ser chamada Escola Municipal de Ensino Fundamental Waldemar Amaro Dornelles, em homenagem à família que muito contribuiu para a educação na localidade. Casado com Cerenita da Silva Dornelles, Waldemar doou o



Professoras e alunos da EE Arthur Emílio Mylius

terreno onde foi construída a escola. Duas filhas do casal estão entre as primeiras professoras desta escola. Ao todo, o casal Dornelles deu estudo para formar seis filhos professores. Cerenita faleceu em 2007, alguns meses depois de ter participado da pesquisa da História do Distrito de Venâncio Aires.

Atualmente, a EMEF Waldemar Amaro Dornelles conta com 15 alunos, tendo a coordenação da professora Clarissa Elis da Silva. O número de alunos está caindo ano após ano, em virtude da redução do número de filhos por família e também pelo êxodo rural, que está levando os jovens a deixarem a localidade.

RELIGIÃO

Duas das mais antigas comunidades religiosas de Venâncio Aires localizam-se em Picada Nova. A comunidade católica Nossa Senhora da Imaculada Conceição foi fundada em 1919. Ao lado da capela está a torre do sino doado por Tiquinho da Cunha, que na época da construção comprou um bilhete de loteria e fez a promessa que daria o sino à igreja caso ganhasse o grande prêmio. A antiga capela católica também serviu de sala de aula, antes da construção das atuais escolas.

A comunidade pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil – IECLB foi fundada em 1922. Ao lado da capela está o pavilhão comunitário, onde são realizados os eventos sociais, especialmente a festa anual da comunidade.

SOCIEDADE

Em 19 de fevereiro de 1956 foi fundada a Sociedade dos Agricultores de Picada Nova, com sede no então salão de festas de Lindolfo Heuser. A sede própria foi construída em 1988. Em 1990 esta sede foi ampliada para 1000m² transformando-se no Ginásio de Esportes de Picada Nova. O primeiro presidente foi Donald Storck, precedido por Lindolfo Heuser, João Gomes da Luz, José Leite dos Reis, Frederico Reinoldo Pitsch, Manoel Frontino dos Santos e Alex Stein, também sócios fundadores. Vinculada a esta sociedade existe a Sociedade de Damas Cultivando Amizade, fundada em 1962.

Nos primeiros anos da colonização, as pessoas se divertiam frequentando bailes nas casas das famílias, animados por gaiteiros que começavam ao entardecer e amanheciam o dia com chotes, valsas, vaneiras e bugios. O antigo salão Heuser era tradicional e também promovia bailantas até clarear o dia. Também eram comuns os passeios de carroças e aranhas; carreiras de cavalos e de bois e rinha de galos. Aos domingos as mulheres se reuniam para jogar “vispo”, jogo que atualmente é conhecido por “bingo”. Os homens se reuniam para conversar ou jogar cartas de baralho. As crianças não participavam das conversas dos adultos.

Atualmente há diversas opções de lazer e diversão. Além dos bailes no ginásio de esportes e em salões das comunidades vizinhas, os moradores da Picada Nova praticam o futebol



Lavrador prepara a terra para o plantio, tendo ao fundo uma granja de frangos



Cerenita Dornelles com a professora Clarissa e seus alunos, em junho de 2007

arroio Castelhanao

de salão, futebol sete, bolãozinho de mesa e bocha, oferecidos junto ao ginásio de esportes. Também há o campo de futebol do Corinthians, de Auri Dörr.

Os principais eventos sociais organizados ao longo do ano são: a festa da comunidade evangélica, que acontece no pavilhão junto à capela e, a festa do colono, da Sociedade dos Agricultores, que acontece no ginásio.

ECONOMIA

Picada Nova desenvolveu-se com base na agricultura e na criação de porcos, gado e aves. A agricultura era baseada no plantio da mandioca, que abastecia as tafonas na fabricação de farinha e polvilho. Era comum a troca de madeira por alimentos. Vendiam alfafa por arroba, arroz socado em pilão, melado de cana-de-açúcar, amendoim e feijão.

Uma das primeiras casas comerciais, também conhecidas como vendas, armazém ou bolicho, foi de Theotônio de Campos (1941), seguido por Luis Vargas (1945), Jardelino Faleiro e Lindolfo Heuser, a contar de 1948 até 1984, quando foi adquirida por Alfredo Lorenz, que manteve o armazém e o salão de baile até dezembro de 2006, quando encerrou suas atividades.

Na década de 1950 havia cinco casas comerciais na localidade. Havia dificuldades no abastecimento dessas casas, porque o transporte das mercadorias era precário. Era necessário ir até Mariante ou Bom Retiro, atravessando o rio Taquari de barca. As estradas eram péssimas, com muitos atoleiros. Algumas mercadorias, como tecido, querosene e sal vinham de Porto Alegre pelo rio Taquari. Para lá se ia de barco a vapor ou de "Gasolina" (barco com motor movido a gasolina), que levava 12 horas de viagem. Embarcavam no porto Labres, em Chafariz. Os quitandeiros chegavam de Porto Alegre; desciam dos barcos no porto de Mariante e seguiam pelas colônias, até Palanque e Santo Antônio, em busca de ovos e aves que eram levados para a capital. As carroças dos quitandeiros eram puxadas por duas juntas de bois para atravessar os atoleiros. O quitandeiro



Vista atual do ginásio de esportes, tendo ao fundo a quadra de futebol-sete

Alfredo Mühl carregava dois cachorrinhos atrás da carroça para auxiliar no caso de alguma galinha fugir.

Hoje, Picada Nova possui sua economia baseada na criação de suínos, bovinos e frangos. Na agricultura, destaca-se o cultivo de fumo, milho, aipim, hortaliças e frutas. Antigamente plantava-se muito arroz, em função das terras serem alagadas pelas águas do arroios Castelhanao e do rio Taquari. As enchentes representam grande problema para a agricultura. Quando o rio Taquari enche, suas águas chegam próximo ao ginásio de esportes e das granjas de criação de frango.

As velhas casas de comércio fecharam as portas. No lugar dos bolichos, vendas e armazéns, hoje os veículos dos supermercados da região entregam rancho na casa dos clientes. A produção de milho, fumo e de fran-

gos, hoje é transportada em modernos caminhões, que nada lembram as antigas carroças dos quitandeiros do início do século passado.

Apesar de o terreno ser plano e de fácil manejo com implementos agrícolas, ainda é comum ver lavradores tocando bois com o velho arado rasgando a terra preta.

A indústria de beneficiamento tem lugar de destaque na economia local. Na localidade é feita a industrialização de derivados do frango e suínos, através do Matadouro Bom Frango. Também é feito o beneficiamento de arroz pela Arroeira Santos e, de fumo, pela Fábrica de Fumo Picado Nativo. Há muitas décadas, a localidade tem se destacado na produção de mudas de árvores frutíferas, ornamentais e florestais e na produção de ração. Atualmente moram cerca de 180 famílias na localidade. Além



Flagrante da enchente que chegou perto do ginásio de esportes em construção



Capela da comunidade evangélica, ao lado do pavilhão de festas



João Roque Kollet acredita que a lagoa é misteriosa

da agricultura, os moradores têm a opção do trabalho assalariado nas indústrias locais e nas fumageiras da cidade.

A localidade carece de posto de saúde e agentes comunitários de saúde e de acesso asfáltico, uma vez que é intenso o movimento de entrada e saída de caminhões pela estrada que dá acesso à RSC-287. A conservação das estradas municipais é de responsabilidade da capatazia da prefeitura municipal no nono distrito, com sede em Estância Nova.

LENDAS

Duas lendas são contadas na localidade: a lenda da Sanga das Mulas e a da Lagoa sem Fundo.

Sobre a Sanga das Mulas, localizada nas proximidades da antiga Fazenda Mariante, contam que no início da colonização não existia ponte sobre a sanga. Para transportar as mercadorias eram usadas carroças puxadas por bois, cavalos ou mulas. Certa vez, à noite, um carroceiro não percebeu que a sanga estava cheia e tentou atravessá-la. Com a correnteza forte a carroça foi levada e as mulas morreram afogadas. A partir daí a sanga ficou conhecida como Sanga das Mulas. Desde então, as pessoas afirmam ver assombrações diversas nesta sanga, inclusive mulas sem cabeça. As pessoas evitam passar neste local à noite. Quando precisam ir para Estância São José ou Cerrito, fazem isto de dia.

Quanto à lenda da lagoa, moradores antigos dizem que apareceu uma carrocinha puxada por lindos cavalos

carregada de moedas de ouro e caiu nessa lagoa. Tudo desapareceu em seguida, como se fosse uma visão sobrenatural. Pessoas que presenciaram o fato tentaram encontrar o fundo da lagoa em busca da carrocinha de ouro. Usaram taquaras de 10 metros de comprimento, emendadas umas as outras, sem êxito.

Hoje o local é muito bonito e de águas cristalinas, próximo a uma mata nativa circulada por campos. A área foi comprada na época da colonização por Jacob Kollet, quando o boato começou a se espalhar. Atualmente a área pertence a João Roque Kollet, neto de Jacob e mantém um mistério: nunca secou e sua água está sempre cristalina. Em épocas de estiagem a população se beneficia desta água, pois as demais lagoas da redondeza secam.

A lenda da lagoa é conhecida em toda a região de Mariante. Moradores mais antigos acreditam que todo o mistério está relacionado ao tempo em que a localidade era habitada por índios e por padres jesuítas, que utilizavam os índios para procurar riquezas, como ouro e outras pedras preciosas. São informações passadas de geração em geração, mas não foram encontrados documentos que comprovem a veracidade da presença jesuíta na região. Para comprovar que existiram índios na região, João Kollet guarda com muito zelo um vaso feito de madeira maciça, que seria uma peça usada pelos índios há mais de 200 anos. O vaso foi encontrado quando o agricultor lavrava suas terras, perto da lagoa misteriosa.



Vista aérea de Picada Nova. Enchente do Taquari ameaçou as granjas de frangos

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Cerenita da Silva Dornelles (in memoriam); a professora Clarissa Elis da Silva (24 anos) e alunos da EMEF Waldemar Amaro Dornelles; o comerciante aposentado Alfredo Rogério Lorenz (75 anos) e sua esposa Lucilda Lorenz (63 anos); João Roque Kollet (52 anos); a professora Suelise Lorenz Kist e alunos da EE Arthur Emilio Mylius. Também serviu de base para esta reportagem a pesquisa realizada em 1996 e atualizada em 2005 pelas professoras da EE Arthur Emilio Mylius. Material consultado: anotações do escritor venâncio-aiense Cláudio Carlos Fröhlich, no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, referentes aos desmembramentos e divisões da antiga Colônia Mariante.

MULTIPLIQUE SEU PODER DE LIMPEZA.



O multiuso Brasclin é indicado para remoção de gorduras, fuligem, poeira, marcas de dedos, saltos e riscos de lápis de superfícies laváveis. São tantas opções de limpeza, que nem parece que é um produto só.

EXPERIMENTE TODA A
LINHA DE PRODUTOS
SOLEMIO E BRASCLIN.

